

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Cav NAILTON DA SILVA DIAS JUNIOR

O ESQD C PQDT NA EXECUÇÃO DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

RIO DE JANEIRO

2021

Cap Cav NAILTON DA SILVA DIAS JUNIOR

O Esqd C Pqdt na execução de Operações Defensivas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial a obtenção do grau especialização em Ciências Militares.

Orientador: **Maj Cav Rafael Silva Romani**

Rio de Janeiro, RJ

2021

Cap Cav NAILTON DA SILVA DIAS JUNIOR

O ESQD C PQDT NA EXECUÇÃO DAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial à obtenção do grau de especialização em Ciências Militares.

Aprovado em ____/____/____

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

DANIEL MENDES AGUIAR SANTOS – Ten Cel Cav
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Presidente

RAFAEL SILVA ROMANI – Maj Cav
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

RAFAEL SIQUEIRA MARQUES – Maj Cav
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos meus pais Nailton e Marcia e a minha irmã Natália por, estando sempre ao meu lado, contribuírem para a construção do meu carácter e espírito.

Aos familiares da minha esposa, que preencheram minha ausência nela nos momentos em que a EsAO me demandou.

Aos meus companheiros de turma, por tornarem este ano extremamente leve e agradável, apesar das dificuldades que a pandemia trouxe.

A todos que contribuíram com esta pesquisa, seja por meio das entrevistas, seja pelas palestras, compartilhando suas experiências para tornar este trabalho possível.

Ao Maj Romani, pelo lealdade, sinceridade e flexibilidade na orientação deste trabalho, sempre corrigindo de forma pertinente e fornecendo as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Suas observações permitiram alcançar um resultado muito sólido e apoiado na metodologia pregada pela EsAO.

Ao meu irmão Rodrigo, que além o grande apreço e demonstração de afeto, me auxiliou na confecção deste trabalho, apesar de suas inúmeras responsabilidades pessoais e profissionais.

Por fim, à minha esposa Alouysi, que, pela compreensão em prol da minha carreira, merece agradecimento mais sincero e profundo do fundo do coração.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a atuação do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (Esqd C Pqdt) em proveito da Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt), em contexto de uma operação defensiva, na busca de influir sobre a necessidade de atualizações doutrinárias tomando como ponto de partida a IP 2-33 – Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, datada de 1994. O estudo irá relacionar aspectos mais recentes da Doutrina Militar Terrestre com as capacidades de atuação do 1º Esqd C Pqdt, averiguando casos históricos específicos a fim de determinar as principais influências sobre emprego dessa tropa singular de cavalaria da nossa Força Terrestre. As Funções de Combate Movimento e Manobra, Fogos, Comando e Controle, Logística e Inteligência foram utilizadas durante as entrevistas para possibilitar a aferição, de forma qualitativa, do impacto que as operações defensivas contemporâneas desenvolvem no emprego do Esqd C Pqdt. Para isso, o estudo se desenvolveu em três etapas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Os manuais doutrinários e de campanha do Exército Brasileiro, monografias, relatórios e artigos foram coletados durante a pesquisa bibliográfica e documental, enquanto a pesquisa de campo se deu através de entrevista com militares possuidores de recente experiência, no intuito de complementar as informações obtidas. Durante as discussões e considerações finais são realizadas revisões do método de emprego do Esqd C Pqdt e algumas capacidades e deficiências para as Operações Defensivas, que apontaram a flexibilidade desta tropa, uma logística singular dentro da Bda Inf Pqdt e a fragilidade diante da alteração da situação de comando de seus pelotões que perderão assim a sua versatilidade e modularidade. Por fim, foram propostas sugestões e recomendações para atualizar a doutrina de emprego do Esqd C Pqdt no âmbito Operações Defensivas.

Palavras chaves: Operações Defensivas; Esquadrão de Cavalaria Paraquedista; Brigada de Infantaria Paraquedista.

ABSTRACT

This research aims to analyze the Airborne's Cavalry Squadron performance in benefit of Army's Airborne Infantry Brigade in a context of Defensive Operation seeking for emphasizing the needs of an update on the doctrines based on the 2-33 IP – Airborne's Cavalry Squadron, from 1994. The study will relate the most recent aspects of Terrestrial Military Doctrine to the performance capacity of 1st Airborne's Cavalry Squadron, verifying historical situations to highlight the main influences for the use of that specific cavalry troop of our Ground Force. The combat strategies Movement and Maneuver, Fires, Command and Control, Logistics and Intelligence were used during the interviews to help measuring qualitatively the impacts the contemporary Defensive Operations develop in the use of Airborne's Cavalry Squadron. Therefore, the study was structured in three steps: bibliography research, documental research, and field research. The doctrinal and field manuals of Brazilian Army, monographies, reports and papers were gathered during the bibliography and documental research, while the field research was carried out through interviews with militaries who owned recent background, in order to complement the information obtained. During the discussions and final considerations, revisions are made to the Airborne's Cavalry Squadron method of employment and some capabilities and deficiencies for Defensive Operations, which pointed out the flexibility of this troop, a unique logistics within Army's Airborne Infantry Brigade and the fragility in the face of the change in the situation command of their platoons that will lose their versatility and modularity. Finally, suggestions and recommendations were proposed to update the Airborne's Cavalry Squadron employment doctrine in the scope of Defensive Operations.

Key words: Defensive operations; Airborne's Cavalry Squadron; Army's Airborne Infantry Brigade.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA	9
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo Geral	10
1.2.2 Objetivos Específicos	10
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO	10
1.4 JUSTIFICATIVA	11
2. METODOLOGIA	12
2.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO	12
2.2 AMOSTRA	13
2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA	13
2.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA	14
2.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
2.6 INSTRUMENTOS	15
3. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
3.1.1 Operação Market Garden	16
3.1.2 Operação Northern Delay	18
3.1.3 Operação Serval	19
3.2 REVISÃO DOUTRINÁRIA	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
4.1 TABULAÇÃO DOS RESULTADOS	23
4.2 INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL INDEPENDENTE	24
4.2.1 Implicações para o emprego da Esquadrão de Cavalaria Paraquedista	24
4.2.2 Elementos do Poder de Combate Terrestre	26
4.3 CONSEQÜÊNCIAS PARA A VARIÁVEL DEPENDENTE	27
4.3.1 Capacidades	27
4.3.2 Doutrina	28
4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
7. APÊNDICE: ENTREVISTA	34
ANEXO A: PROPOSTA DE SUBCAPÍTULO	36

1. INTRODUÇÃO

Diante das mais recentes publicações de manuais iniciadas no ano de 2014, o Exército Brasileiro evidencia o esforço em reformular e atualizar sua Doutrina Militar Terrestre. A demanda por uma doutrina em constante evolução não é exclusividade da nossa Força Terrestre, mas de qualquer exército que tenha como objetivo a manutenção e até mesmo a ampliação de suas capacidades operativas.

Nesse sentido, a Instrução Provisória 2-33 (IP 2-33) – Esquadrão de Cavalaria Paraquedista (Esqd C Pqdt), datada de 1994, figura como um dos manuais doutrinários que carecem de atualização para que esteja alinhada com a Doutrina Militar Terrestre vigente.

Em 1945, o Exército Brasileiro criou a Escola de Paraquedistas, embrião da Brigada de Infantaria Paraquedista. Menezes (2016) conta que no fim de 1981, nasceu o 1º Esquadrão de Cavalaria Paraquedista e, no ano seguinte, iniciou-se o estudo da doutrina para o emprego dessa SU que geraria a IP 2-33.

Apesar da constante evolução das formas de combate desde a década de 50, o emprego das tropas aeroterrestres tem a intenção de operar em profundidade, de forma eficiente e letal. Essa aplicação é descrita no Manual de Operações Aeroterrestres como “obtida pela ação precisa, oportuna e rápida para a conquista dos objetivos de assalto” (BRASIL, 2017, p. 2-2).

Não obstante a marcante evolução dos meios de defesa aeroespacial, o emprego de Op Aet continua atual no combate moderno, uma vez que permite a rápida inserção de tropa em qualquer região de um teatro de operações, sobrevoando obstáculos e resistências interpostas (EB70-MC-10.217 OPERAÇÕES AEROTERRESTRES, 2017, p. 1-1).

Com a finalidade de manter a contemporaneidade, muitos Exércitos vêm utilizando de maneira efetiva suas tropas aeroterrestres e, conseqüentemente, se atualizando por meio de experimentações doutrinárias ou de análises de desempenho do emprego de tropas dessa natureza.

O presente trabalho visa expor a doutrina aeroterrestre específica à subunidade (SU) de Cavalaria nas Operações Defensivas prevista na IP 2-33 – Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, comparar com doutrinas mais atualizadas e compreender a

necessidade de atualizações do manual doutrinário do Exército Brasileiro em que é apresentado o assunto.

1.1 PROBLEMA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA

Sceppacuercia (2020) salienta que com o passar dos anos, novas tecnologias, técnicas, táticas, métodos e processos modificaram a forma de emprego dos exércitos, sobretudo na aplicação de operações aeroterrestres. No entanto, a busca de mobilidade estratégica proporcionada pelo emprego das operações aeroterrestres confirma a necessidade de se manter os conceitos doutrinários das tropas paraquedistas atualizados.

Sendo atualmente o único manual existente sobre o Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, a IP 2-33 apresenta-se defasada não só sobre a doutrina de emprego daquela subunidade paraquedista, mas também em relação aos seus meios e composição.

Em síntese, exprimindo a demanda pela atualização doutrinária existente para o Esqd C Pqdt, pode ser apontado o seguinte problema de pesquisa para norteamento deste trabalho: quais são as atualizações em manual doutrinário relativas ao Esquadrão de Cavalaria Paraquedista na execução de Operações Defensivas que se fazem necessárias para a melhor organização e emprego do Esqd C Pqdt em proveito das Operações Aeroterrestres (EB70MC-10.217)?

1.2 OBJETIVOS

A confecção do manual EB70-MC-10.XXX ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA será norteada pelos seguintes objetivos:

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar Esqd C Pqdt na execução de Operações Defensivas a fim de atualizar sua organização e empregabilidade em proveito das Operações Aeroterrestres, apresentando uma proposta de atualização harmonizada no formato de capítulo de manual doutrinário, considerando o objetivo integrador relacionado à confecção do manual EB70-MC-10.XXX ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA.

1.2.2 Objetivos Específicos

Com a finalidade de delimitar e alcançar o desfecho esperado para o objetivo geral, foram levantados estes objetivos específicos, que conduzirão à consecução estudo:

- revisar casos históricos relacionados à execução de Operações Defensivas do Esqd C Pqdt, como a operação Market Garden (1944), a operação Northern Delay (2003) e a operação Serval (2013);
- analisar o emprego do Esqd C Pqdt na execução de Operações Defensivas colaborando com as missões da Brigada de Infantaria Paraquedista.
- apresentar proposta do Capítulo 4.3 OPERAÇÕES DEFENSIVAS para a confecção do manual do Esqd C Pqdt com intuito de atender ao objetivo integrador.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

- a. De que maneira o estudo dos casos históricos da Operação Market Garden (1944), Operação Northern Delay (2003) e Operação Serval (2013) pode acrescentar na análise do Esqd C Pqdt na execução de Operações Defensivas?
- b. De que maneira a execução de Operações Defensivas influenciam o Esqd C Pqdt inserido no contexto das Operações Aeroterrestres (EB70MC-10.217)?

- c. Quais as alterações necessárias à proposta de atualização doutrinária do Esqd C Pqdt na execução de Operações Defensivas, visando atender o objetivo integrador da elaboração do manual?

1.4 JUSTIFICATIVA

Segundo Scepacuercia (2020), face ao novo cenário mundial, os países estão fortemente tencionados a modernizar a doutrina de emprego de suas forças armadas, e o Brasil não diverge nesse ponto.

Com o intuito de se atualizar, o Exército Brasileiro definiu em seu Plano Estratégico (EB 10-P-01.007) a necessidade de estabelecer uma doutrina militar terrestre compatível com a transformação da Força Terrestre. Sendo assim, cresce a importância de análise das técnicas, táticas, métodos e processos das operações aeroterrestres. Nesse contexto, foi concebido, em 2017, a 1ª edição do manual de campanha Operações Aeroterrestres (EB70MC-10.217).

O desenvolvimento de novas capacidades operativas se torna inevitável para a adequação aos novos conceitos de combate do século XXI da única GU de natureza aeroterrestre da nossa Força Terrestre. Para isso, suas unidades devem desenvolver capacidades compatíveis com a necessidade do emprego. Uma vez que a base doutrinária do Esqd Pqdt é a IP 2-33 – Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, de 1994, faz-se necessário um estudo sobre a doutrina para verificar se permanece compatível à essência do combate atual.

Dessa forma, serão analisadas neste trabalho as táticas e as técnicas empregadas por diferentes tropas de cavalaria paraquedista e cotejadas, com base na finalidade e nos fundamentos doutrinários das operações aeroterrestres, quais delas seriam eficientes, tudo com o propósito de aferir o que podemos assimilar para atualizar a doutrina da SU de cavalaria paraquedista do EB.

Esta pesquisa contribuirá com argumentos para a elaboração da proposta do capítulo de Operações Defensivas para o manual EB70-MC-10.XXX ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho tem o objetivo de discorrer o emprego do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista na execução de operações defensivas.

2.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Durante a realização deste trabalho, sentiu-se a necessidade de dividi-lo em três etapas. De modo a facilitar a análise dos dados coletados também utilizaremos uma ordem cronológica intuitiva para que fique evidente a evolução dos acontecimentos.

A primeira etapa procura relatar casos históricos de Operações Defensivas, em particular as executadas por tropas paraquedistas, com a finalidade de caracterizar as táticas e técnicas utilizadas nesse contexto. Para atingir esse propósito foi indispensável utilizar como referência a história militar e as ciências militares.

Em um segundo momento, buscamos revisitar especificamente a doutrina empregatória do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista na execução das Operações Defensivas. Nosso objetivo nesse momento é facilitar o entendimento do que é prescrito em conceito pelo Exército Brasileiro como imposto a ser adotado, ou seja, os métodos e procedimentos que podem ser utilizados nesse tipo de operação.

Na sequência, será analisado o que poderia definir o “estado da arte” no que se refere ao emprego de uma SU de cavalaria paraquedista dentro de uma operação defensiva. Para isso nos apoiaremos em entrevistas de militares integrantes e ex-integrantes do 1º Esqd C Pqdt enquanto em funções-chaves para as operações.

Após concluir essas três etapas, iremos correlacionar todos os fatos apresentados às hipóteses levantadas nas entrevistas, possibilitando, dessa forma, o entendimento da relação entre as variáveis desse problema. Por fim, como o auxílio dessas análises, poderemos organizar um capítulo do manual EB70-MC-10.XXX ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA sobre as Operações Defensivas.

2.2 AMOSTRA

O presente trabalho utilizará como amostra dois perfis distintos que consigam conferir confiança às informações colhidas. Durante a primeira etapa, a nossa amostragem contemplará países desenvolvidos que possuam forças armadas expressivas no cenário mundial. Já para a terceira fase desta pesquisa, recorreremos aos integrantes e ex-integrantes do 1º Esquadrão de Cavalaria Paraquedista empregados em funções-chaves como comandante de unidade ou oficial de operações.

Em seguida, buscaremos as técnicas e táticas presentes nos relatos históricos e em nosso manual (IP 2-33 – Esquadrão de Cavalaria Paraquedista), além das hipóteses levantadas durante as entrevistas a fim de analisar de que maneira esses dados podem auxiliar na atualização da doutrina para apurar a atuação da SU C Pqdt na execução de operações defensivas.

2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Neste trabalho, vamos nos limitar a análise da atuação de tropa paraquedistas na execução de operações defensivas visando caracterizar como deveria ser o emprego de um esquadrão de cavalaria paraquedista nesse contexto. Para isso, buscamos identificar as táticas, técnicas e procedimentos necessários aos integrantes dessa subunidade para atingir um estado de prontidão que corresponda às hipóteses de emprego da Era Digital.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DE SOUZA-MINAYO, 2001).

Para buscar a compreensão dos fenômenos estudados, iremos trilhar este trabalho pelo método indutivo, através de fatos particulares selecionados. Seguindo essa lógica, iremos empregar uma análise qualitativa a fim de explicar o motivo do emprego de determinadas técnicas e táticas além do resultado obtido nas batalhas, isso porque a preocupação deste trabalho é obter observações realistas fixadas na dinâmica dos acontecimentos ilustrados.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA

Neste trabalho, foi realizada uma pesquisa criteriosa atenta à qualidade das fontes a fim de estruturar um sólido e construtivo embasamento teórico sobre as formas de atuação do esquadrão de cavalaria paraquedista inserido em uma manobra defensiva, utilizando buscas em portais como BDEx e Google Acadêmico, que se fazem constar no referencial bibliográfico desta pesquisa. Recorreremos também a projetos de propostas doutrinárias realizadas pela Brigada de Infantaria Paraquedista e pelo 1º Esquadrão de Cavalaria Paraquedista.

2.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa qualitativa, o trabalho será estruturado sobre os métodos de coleta de dados, pesquisa e entrevista. Primeiramente utilizaremos uma coleta de dados bibliográfica acerca das “operações defensivas executadas por tropas paraquedistas”, buscando trazer intimidade ao assunto. Dando continuidade, delimitaremos o assunto da coleta de dados ao nicho do “Esqd C Pqdt do EB”, de maneira a entender o que pode estar diferindo na nossa doutrina quando comparado ao praticado por outros exércitos com experiência de emprego de tropas de natureza aeroterrestre.

Construído o conhecimento sobre a doutrinas brasileira da subunidade de cavalaria paraquedista e a de outras Forças Armadas (FA), seguiremos paralelamente com algumas entrevistas com militares que ocupam ou ocuparam cargos chaves durante a condução e planejamento de operações do 1º Esqd C Pqdt. Será feita também uma pesquisa nos arquivos e propostas doutrinárias redigidas pela única SU C Pqdt brasileira a fim de entender as práticas que vem sendo adotadas para adaptar aquela tropa às novas hipóteses de emprego e esquadrihar as táticas e técnicas que poderiam definir o “estado da arte” no que tange ao tema deste trabalho.

2.6 INSTRUMENTOS

Como instrumentos utilizados para a produção dos dados necessários a esta pesquisa iremos fazer uso de casos de estudos, registros e coleta de dados e entrevistas. A versatilidade da coleta de dados quando usado para analisar tópicos simples e complexos será extremamente útil para se extrair inferências dos objetos estudados.

A entrevista tem o foco de não limitar o trabalho à coleta de dados documentais e alcançar a opinião dos sujeitos entrevistados, uma vez que o assunto é pouco abordado. Isso também irá permitir analisar o fenômeno sobre a perspectiva de quem possa ter se deparado com o problema estudado através de uma visão ampla e acessível e, dessa forma, facilitar na produção de propostas para a solução do mesmo.

Posto	Nome	Função	Período
Maj	São Paulo	Cmt do 1º Esqd C Pqdt	2019-2020
Cap	Gaziorowsky	Cmt do 1º Esqd C Pqdt	2021
Cap	Mossi	S-3 do 1º Esqd C Pqdt	2018
Ten	Vales	S-3 do 1º Esqd C Pqdt	2019-2021

Grupo de entrevistados

Já a manutenção de registros facilitará a administração de documentos confiáveis como artigos científicos e monografias sobre o assunto, além de auxiliar na utilização de registro de operações e, até mesmo, na proposta transcrita pelo 1º Esqd C Pqdt para o manual EB70-MC-10.XXX ESQUADRÃO DE CAVALARIA PARAQUEDISTA.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A fim de obter um ponto de vista macro e descontaminado de análises sobre o assunto, a releitura da doutrina militar vigente quanto a atuação do Esqd C Pqdt em Operações de Defensivas será precedida pelo estudo dos casos históricos e/ou empregos de força militar julgados pertinentes ocorridos dentro de uma sequência na nossa linha temporal.

3.1.1 Operação Market Garden

De acordo com Camel (2010), em meados de 1944, as tropas aliadas já conseguiam visualizar o final da Segunda Guerra Mundial. O desembarque da Normandia e a ofensiva soviética no leste obtiveram grande sucesso nas frentes ocidentais e orientais alemãs e proporcionaram aos comandantes aliados um momento para determinar novos planos e recriar novas vitórias.

Por causa do avanço das forças terrestres aliadas ocidentais e a expansão de suas frentes de combate, os Aliados se depararam com problemas logísticos, como a falta de instalações portuárias suficientes, o comprimento crescente das linhas de abastecimento e uma necessidade ainda maior de suprimentos (CAMEL, 2010).

Essas restrições fizeram com que o General Eisenhower, Comandante Supremo Aliado da Europa, decidisse por adotar uma estratégia mais ousada caracterizada pela realização de um ataque profundo em direção a Ruhr, coração industrial da Alemanha, passando pela Holanda. O objetivo era cortar o exército alemão na Holanda, que poderia acelerar a liberação dos portos do canal para aliviar a situação de abastecimento e conseqüentemente poderia encurtar o final da Segunda Grande Guerra (CAMEL, 2010).

Camel (2010) infere que, para isso, entenderam que seria necessário lançar um contingente no território de divisa entre Holanda e Alemanha antes da chegada do Exército Alemão, que estava retraindo, a fim de assegurar os pontos de passagens até o interior

do território alemão. O recém-formado Primeiro Exército Aerotransportado recebeu a missão de liberar suas tropas em locais definidos e assegurar o impulso do ataque mais profundo à cidade de Ruhr, que seria realizado pelo XXX Corpo de Exército Britânico. Nesse momento se iniciaram as preparações para a operação, que foi denominada Market-Garden.

Segundo Camel (2010), enquanto os Aliados ultimavam seus planejamentos e se preparavam para a operação, o chefe do OKW (Estado-Maior de Operações das Forças Armadas) começou a se organizar para estabelecer uma defesa diante de uma possível ofensiva na Holanda. O recém-criado 1º Fallschirmarmee (Primeiro Exército de Pára-quedas), composto por aproximadamente quatro divisões, defenderia, de maneira improvisada, a linha do Canal Meuse-Escaut.

Nos nove dias que os Aliados levaram para realizar a missão *Market Garden*, a defesa da Holanda passou de uma divisão de homens mais velhos e jovens a um exército com seis divisões de infantaria apoiado por um grupo de batalha de para-quedas veteranos e tropas SS (CAMEL, 2010)¹.

Por parte dos Aliados, o Primeiro Exército Aerotransportado preparou sua manobra dividindo suas tropas em três cidades holandesas diferentes. Cada uma das divisões deveria proteger as cidades em que foram alocadas e todas as suas pontes, mantendo as ligações por estradas que levavam para o norte através do Baixo Reno, essa seria a fase Market (CAMEL, 2010).

A 101ª Divisão Aerotransportada *Screaming Eagles* foi designada para atacar e manter a cidade de Eindhoven. A 82ª Divisão Aerotransportada *All American* dos EUA seria enviada para tomar a cidade de Nijmegen. Por último, os *Red Devils* da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica, recebeu a missão principal de assegurar a ponte sobre o Rio Reno em Arnhem (CAMEL, 2010).

Camel (2010) conclui que, apesar do plano inovador, a operação fracassou. Seguir o cronograma planejado era de grande importância uma vez que as três divisões paraquedistas não possuíam ligação logística com as tropas aliadas. Mas as tropas da

1 Tradução nossa para o Português da citação original “*In the nine days the Allies took to launch Market Garden, the defence of Holland had gone from one division of old men and boys to an army of six infantry divisions supported by a battlegroup of crack parachute and SS troops.*” (CAMEL, 2010).

fase "Garden" sofreram resistências de soldados Alemães, e o XXX Corpo nunca chegou a Arnhem.

Proteger as pontes Son e Best e impedir a Hell's Highway de repetidos contra-ataques alemães custou à divisão 2100 vítimas durante os nove dias da operação, por isso no final da Market Garden, a 101ª Airborne se refere a esse trecho da estrada como "Estrada do Inferno" (CAMEL, 2010).

3.1.2 Operação Northern Delay

Em 26 de março de 2003, durante a Guerra do Iraque, ocorreu o maior assalto aeroterrestre desde a Segunda Guerra Mundial. O 44º salto de combate na história dos Estados Unidos da América se deu através da 173ª Brigada Paraquedista (Bda Pqdt) americana com o lançamento de quase 1000 militares no norte do Iraque (NETO, 2017).

Neto (2017) aponta que, inicialmente, os EUA planejavam utilizar a fronteira entre Turquia e Iraque para abrir uma nova frente de batalha ao norte do Teatro de Operações. A idéia era forçar o exército iraquiano a dividir os seus esforços em duas frentes de batalha. No entanto a Turquia não cedeu a autorização e os americanos tiveram de buscar outra solução. A decisão foi de realizar um assalto aeroterrestre com a 173ª Bda Pqdt que, em um primeiro momento, estava designada para reforçar a 4ª Divisão de Infantaria americana. A localização dessa brigada próxima a principal base aérea dos EUA no sul da Europa foi um dos fatores decisivos para a decisão tomada (NETO, 2017).

O objetivo principal era tomar o aeroporto abandonado de Bashur, localizado ao norte do Iraque, pois era relativamente próximo à base aérea de Aviano, na Itália, e possuía todas as características desejáveis para a missão, possibilitando o suprimento da tropa pelo ar (TOHN, 2007). O plano constituía no lançamento de uma equipe precursora e depois um pouso de assalto com as tropas e os meios. Entretanto, após o reconhecimento do destacamento precursor, foi verificado o péssimo estado da pista, que inviabilizava os pousos.

Segundo Neto (2017), no dia 26 de março, foi realizado o lançamento noturno em duas levadas no intervalo de 10 minutos, a primeira lançando as cargas, e a segunda, as

tropas. O escalão de assalto estava composto pelos batalhões “*Red Devils*” e “*The Rock*”. Também incorporavam a 173ª Bda Pqdt tropas de artilharia, engenharia de combate, defesa antiaérea, reconhecimento e vigilância, além de equipes de saúde.

Na sequência da reorganização pós salto, os elemento de combate conquistaram e ocuparam as posições de bloqueios assegurando a pista de pouso, é o que diz Neto (2017). Tohn (2007) menciona que nos dias seguintes foram enviados mais de dois mil soldados e uma boa quantidade de viaturas para agregar capacidades a brigada que ali estava estabelecida.

Estando totalmente definida a cabeça de ponte aérea, foram conduzidas missões exploratórias para reconhecimento de viaturas recém recebidas. Pode-se destacar também a utilização dos sistemas aéreos remotamente tripulados que complementaram os meios da 173ª Brigada Paraquedista na função de combate inteligente e possibilitaram uma melhor compreensão da situação naquela região (NETO, 2017).

A dotação de viaturas para as frações paraquedistas mostrou-se um elemento determinante para proporcionar utilidade prática à operação, ou seja, não restringiu a missão das tropas paraquedistas exclusivamente ao assalto aeroterrestre e posterior junção ou substituição em até 72 horas, mas permitiu a sua participação em ações posteriores (NETO, 2017).

Tohn (2007) afirma que o fato de ter uma tropa americana em sua retaguarda profunda fez com que o exército iraquiano dividisse os seus esforços e vivenciassem um caos logístico. Já as tropas dos EUA, apesar de demandarem uma quantidade elavada de suprimento classe V por conta da utilização das viaturas blindadas e operar por mais de três dias, equilibraram sua logística através da sua grande capacidade aérea.

3.1.3 Operação Serval

De acordo com Nascimento (2019), no início de 2012, o Movimento Nacional para a Libertação da Azauade (MNLA) realiza uma série de ataques no norte do Mali devido a insatisfação com o governo do país por descumprir compromissos acertados com a população tuaregue (povo seminômade de pastores com língua berbere). Os avanços da

MNLA geraram crescentes conflitos a favor do movimento de independência daquela região do país. Enquanto isso, por conta da instabilidade que se apresentava, grupos extremistas islâmicos tomam algumas cidades e estabelecem a Sharia.

A solicitação de apoio do governo interino de Mali às Nações Unidas foi decorrente da progressão do Movimento para a Unidade e a Jihad na África Ocidental² e o Al Qaeda no Magrebe Islâmico³ em direção a capital Bamaco, que produziram um sentimento de temor nos líderes locais (NASCIMENTO, 2019).

Nesse contexto, iniciou-se, em janeiro de 2013, a Operação Serval, uma operação militar no Norte da República do Mali liderada por tropas francesas contra tuaregues e rebeldes islâmicos. Busch (2013) relata que o teatro de operações era uma região desértica chamada Sahel, que possuía grandes extensões de areia e dunas e eventualmente alguns vilarejos.

Os objetivos determinados para a campanha foram os de parar o progresso jihadista; garantir a segurança de Bamako, dos elementos estrangeiros e das populações ameaçadas e, restaurar a integridade territorial do Mali (RIBEIRO, 2014, p. 12).

Abreu (2017) destacou que no dia 28 daquele mês aconteceu o lançamento de tropas paraquedistas mais recente em Operações Aeroterrestres. Aproximadamente duzentos e cinquenta paraquedistas da Legião Estrangeira foram lançados com a missão de retomar e manter o controle de Tombuctu, especialmente de seu aeroporto. No fim, foi realizado uma junção, com apoio de aéreo aproximado de aeronaves, com tropas vindas do sul.

No dia seguinte, foi lançada na mesma região uma companhia do 17º Regimento de Engenharia Paraquedista com os meios necessários para recuperar o estado do aeroporto para ser utilizado como ponto de ressuprimento. Abreu (2017) ressalta ainda que outros assaltos Aerotransportados aconteceram no Mali, apesar de não terem sido lançamentos em massa, como forças de operações especiais e tropas de engenharia para controlar o aeroporto de Tessalit.

² Tradução para o Português de *Movement for Oneness and Jihad in West Africa* (MUJWA), nome da organização em Inglês.

³ Tradução para o Português de *Al-Qaeda in the Islamic Maghreb* (AQIM), nome da organização em Inglês.

Heisbourg (2013) salienta o quão importante também foi um conjunto de sensores para agregar a capacidade de inteligência às forças que operam no teatro de operações, com uma integração e redução do ciclo ODA (observação-decisão-ação).

Ribeiro (2014) relata que foram realizadas operações contra grupos extremistas armados em toda a região do Mali que conseguiram degradar os insurgentes e recuperar o controle de algumas cidades.

3.2 REVISÃO DOCTRINÁRIA

Segundo a IP 2-33 Esquadrão de Cavalaria Paraquedista, as Operações Defensivas em uma Operação Aeroterrestre (Op Aet) são uma das ações subsequentes do Assalto Aeroterrestre (Ass Aet) com a finalidade de defender a cabeça de ponte aérea (C Pnt Ae).

As Operações Defensivas possuem um carácter transitório, uma vez que são usadas como recurso para barrar o avanço do inimigo e proporcionar condições para que em um futuro próximo seja recuperado a iniciativa no combate, ou seja, tomar uma postura ofensiva, como prescreve o manual EB70-MC-10.223 Operações.

As operações defensivas (Op Def) constituem-se em atitudes temporárias adotadas pela força, até que, criadas condições favoráveis, possa tomar ou retomar a ofensiva. São realizadas para conservar a posse de uma área ou negá-lo ao inimigo, e, também, para garantir a integridade de uma unidade ou meio (EB70-MC-10.354 REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO, 2020).

De acordo com o manual EB70-MC-10.223 Operações, as operações de carácter defensivo são divididas em “defesa em posição” e “movimentos retrógrados”. Devido a mobilidade, potência de fogo, proteção blindada e sistema de comunicações amplo e flexível a SU de Cavalaria Pqdt seria a tropa mais apta dentro da Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) a realizar os movimentos retrógrados.

Enquanto inserido em uma defesa em posição, a SU C Pqdt é mais apta a atuar como força de segurança ou reserva. Para aquela, suas capacidades dentro da função de combate inteligência fornecem uma maior facilidade, comparada com outras naturezas

das tropas da Bda Inf Pqdt, em vigiar, localizar e identificar o inimigo que se aproxima da C Pnt Ae. Para esta, além de poder atuar nos PAC da grande unidade, o esquadrão oferece maior flexibilidade, potência de fogo, mobilidade e ação de choque para realizar contra-ataques.

Já inserido em um movimento retrógrado, a IP 2-33 Esquadrão de Cavalaria Paraquedista pontua que o esquadrão de cavalaria paraquedista se apresenta como a tropa mais apta e adequada a realizar essa manobra, dentro da Bda Inf Pqdt. Isso se deve ao fato de essa SU possuir uma relativa mobilidade, gerada pela sua plataforma de natureza motorizada, e um considerável poder de fogo agregado através de seus mísseis anti-carro.

Movimento Retrógrado é qualquer movimento organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, forçado por este ou executado voluntariamente. Um Mvt Rtg bem planejado e executado pode proporcionar excelentes oportunidades para infligir consideráveis danos ao inimigo (EB70-MC-10.354 REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO, 2020).

Nesse contexto, sua atuação se aproxima ao da força de segurança na defesa em posição, já que também busca negar ao inimigo a observação terrestre sobre a C Pnt Ae, inquietar e dificultar o avanço inimigo, e localizar e informar a posição da tropa que se aproxima, como definida a finalidade dos PAC na IP 2-33.

Cabe ressaltar que tanto na defesa em posição quanto no movimento retrógrado o Esqd C Pqdt deve ser empregado de maneira centralizada, na intenção de explorar ao máximo suas capacidades e evitar seu subemprego.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos por meio de entrevistas e da revisão sobre a literatura realizada no capítulo anterior, e debatido como a evolução nos conflitos podem influenciar na forma de emprego durante a execução de Operações Defensiva pelo Esqd C Pqdt. O objetivo é responder as questões de estudo e com isso contribuir com a atualização da doutrina do Exército Brasileiro.

Durante a execução deste trabalho, verificou-se que algumas fontes entrevistadas forneceram importantes materiais sobre o emprego da SU de Cavalaria Paraquedista nas Operações Defensivas, o que possibilita realizar comparações com casos históricos envolvendo tropas similares a estas, como as dos Estados Unidos da América e as da França, que possuem emprego relativamente contemporâneo.

4.1 TABULAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste momento, será explicado de que maneira a entrevista foi realizada, desejando obter os produtos utilizados nesta pesquisa. À vista disso, foi necessário reunir uma percepção baseada nos acervos bibliográficos referentes ao tema com o objetivo de identificar a presente situação da SU de cavalaria paraquedista e suas possíveis forma de emprego em prol da Bda Inf Pqdt enquanto inserida em Operações Defensivas.

Entrevistas

A fim de levantar essas informações extremamente necessárias para a realização deste trabalho, foram feitas quatro entrevistas com os seguintes oficiais de maneira que as respostas estejam focadas na visão tática: Maj São Paulo, Cap Gazoioswisky, Cap Mossi e Ten Vales, que ocuparam as funções de Comandante e/ou Oficial de Operações dos Centauros Alados (1º Esqd C Pqdt). A entrevista reuniu três importantes questões principais e ao final, o entrevistado teve a oportunidade de realizar mais inferências, caso

considerasse necessário.

Ao condensar visões de entrevistados que ocupam ou ocuparam cargos-chaves durante a condução e planejamento de operações do 1º Esqd C Pqdt, as entrevistas permitiram uma análise mais objetiva, que facilitou o entendimento a cerca das capacidades e missões adequadas ao Esqd C Pqdt e o emprego modular de seus pelotões integrando as FT nível unidade da Bda Inf Pqdt. Esse conhecimento será analisado a seguir.

4.2 INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL INDEPENDENTE

Na tentativa de solucionar o problema deste trabalho, esta seção irá esquadrihar a relação entre a variável dependente – Esqd C Pqdt – e a variável independente – Operações Defensivas. As reflexões da revisão da literatura e as informações levantadas nas entrevistas serão utilizadas para relacionar a influência das Operações Defensivas sobre a tropa singular que vem sendo analisada.

4.2.1 Implicações para o emprego da Esquadrão de Cavalaria Paraquedista

Quando comparado com a atuação de um Regimento de Cavalaria Mecanizado (R C Mec) divisionário, ou seja, subordinado a uma Divisão de Exército (DE), o emprego do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista em prol da Brigada de Infantaria Paraquedista é bastante semelhante. Obviamente essa análise deve ser feita considerando que a Bda Pqdt está um escalão abaixo de uma DE, sendo natural, então, que o Esquadrão da Bda esteja um escalão abaixo de um RCMec divisionário. Sendo assim, em um primeiro momento, é justo afirmar que as formas de empregar a SU de cavalaria aeroterrestre são as mesmas de um Regimento subordinado diretamente a uma Divisão de Exército.

Durante a revisão da literatura, observou-se que o R C Mec é apto a realizar, dentro das Operações Defensivas, a Ação Retardadora e a Defesa Elástica e ainda é capaz de ser empregado como Força de Segurança inserida em uma Defesa em Posição.

Cabe ressaltar que um regimento mecanizado pode ser empregado de outras formas em uma Op Def, segundo o EB 70-MC-10.354 Regimento de Cavalaria Mecanizado.

Nessa lógica, tentou-se pautar em uma parte das entrevistas se essa relação realmente é acertiva e se seria confirmada a aptidão do esquadrão aeroterrestre para as manobras mencionadas anteriormente.

Essa primeira ideia foi confirmada pela totalidade dos entrevistados, que responderam que o Esquadrão de Cavalaria Paraquedista tem condição de ser empregado em prol de sua Bda em uma defensiva como Força de Segurança, seja PAC ou PAG, como Reserva ou como Força de Proteção ou ainda realizando uma enxuta ação retardadora para melhorar a eficiência da cabeça de ponte aérea. Apesar de não possuir o canhão 90 mm em seus pelotões, como uma SU de cavalaria mecanizada, seus misseis anti-carro e o canhão sem recuo fornecem, de certa forma, uma potência de fogo com alcance suficiente para se contrapor a um inimigo relativamente fraco.

Salvas as proporções da comparação com um RCMec, foi apontado também as dificuldades dessa SU paraquedista durante a realização de uma ação retardadora. O fato de possuir apenas três pelotões capazes de retardar em uma frente de 2 km cada, faz com que o Esqd C Pqdt seja eficaz protelando uma frente máxima de 6km, sem constituir reserva com um de seus pelotões de manobra. Comparado a um regimento mecanizado, que pode retardar a frente máxima em 16 km de acordo com o Manual de Ensino Dados Médios de Planejamento (DAMEPLAN), o Esqd Aet tem uma capacidade diminuta. No entanto, se considerarmos a frente máxima de um Batalhão defendendo uma posição e que a ação retardadora será realizada na direção de provável avanço do inimigo, verificamos que a frente de retardamento é compatível com a possível frente a retardar (frente defendida por um batalhão).

Outro aspecto relevante muito mencionado durante as entrevistas foi a função de combate fogos. Por se tratar de uma SU, o Esqd C Pqdt não dispõe de um Pelotão de Morteiro Pesado. Dessa forma a única maneira de o Comandante de Esquadrão intervir na manobra pelo fogo é formando um Pelotão de Morteiro Médio Provisório, sacando as peças de morteiro médio de seus pelotões. Nesse ponto, cresce a importância de essa tropa ser apoiada por uma Bateria de Artilharia. Sem esse apoio fica inviável ao esquadrão realizar uma ação retardadora ou mesmo atuar como Força de Segurança enquanto mobilia um Posto Avançado Geral (PAG).

Isso também ocorre quando tratamos do RCMec em Operações Complementares de Segurança ou empregado em uma Ação Retardadora. Nessas situações, a distância

do seu comando enquadrante faz com que o regimento esteja fora do alcance dos fogos da Bda ou da DE. Sendo assim, faz-se necessário um suporte mais cerrado de meios de apoio de fogo com relevante alcance para apoiar as manobras em profundidade.

Por fim, na análise das entrevistas ficou evidenciado que o emprego descentralizado dos pelotões dessa SU implicaria diretamente nas operações, uma vez que os pelotões perderiam bastante, principalmente, nas funções de combate de Inteligência e Logística. Além dessa degradação, os pelotões isolados tem um nicho menor de missões táticas, ficando muito restrito as ações comuns relacionadas a segurança e inteligência.

4.2.2 Elementos do Poder de Combate Terrestre

Neste momento iremos tratar das funções de combate do Esqd Pqdt mais relacionadas às Operações, que são: movimento e manobra, fogos, comando e controle, logística e inteligência.

Claramente a função de combate Movimento e Manobra é íntima a este Esqd, contudo as outras funções mencionadas acima possuem valor relevante para as Operações Defensivas uma vez que influenciam diretamente na maneira em que as missões serão cumpridas, talvez até no êxito da realização de algumas tarefas.

A função Fogos é de extrema importância para o esquadrão paraquedista, uma vez que, por conta de sua mobilidade e flexibilidade, é a tropa mais apta a atuar distante do restante da Brigada Paraquedista. Sendo assim, é necessário um apoio de fogo que lhe forneça segurança para retrain, se necessário. Cabe ressaltar que apesar dos Pel C Pqdt possuírem os morteiros médios, o Esqd C Pqdt não possui um pelotão ou seção de morteiros na mão de seu comandante, que faz com que este tenha que montar uma seção provisória de morteiros somando as seções de seus pelotões. Dessa forma, em um emprego descentralizado, podemos inferir que a Função de Combate Fogos seria depreciada.

O emprego centralizado do Esqd C Pqdt é primordial para a obtenção de um comando e controle mais adequado que permita aos pelotões o foco na execução de suas tarefas sem a preocupação das necessidades de planejamento e assessoramento advindas de um possível reforço a uma Força Tarefa (FT) nível unidade.

A análise das entrevistas forneceu uma visão a cerca da influência das Op Def sobre as funções de combate observadas. Um dos exemplos está na função de Logística, cuja atuação acertiva definirá o sucesso da operação. Em se tratando das unidades de movimento e manobra (M²) da Bda de natureza Aet, o Esquadrão de Cavalaria Paraquedista difere em alguns aspectos das OM de Infantaria, como a quantidade de viaturas que o Esqd dispõe. Dessa forma sua necessidade logística de Classes III e IX são superiores, o que carece de cuidado caso esta SU esteja reforçando uma das FT Batalhões.

Por fim, ao observar a função de combate inteligência no contexto de uma Defensiva, verificamos quão importante o Esqd Pqdt pode ser se empregado em missões de vigilância e reconhecimento. Isso se dá devido à quantidade de meios de vigilância que as frações de cavalaria possuem. Por isso, essa SU é tão apta a estabelecer PAG e PAC ou ocupar PO afim de vigiar a aproximação do inimigo.

4.3 CONSEQÜÊNCIAS PARA A VARIÁVEL DEPENDENTE

Analisando os resultados obtidos por meio das entrevistas e somados as ideias levantadas na revisão da literatura, é possível apontar que o emprego do Esqd C Pqdt nas Op Def é passível de pontuais atualizações. Com o objetivo de ajustar a Doutrina dessa SU às necessidades da Bda Inf Pqdt, esta seção procura realizar uma proposta condizente com as capacidades necessárias ao Centauros Alados para atender as hipótese de emprego levantadas na seção 4.2.

4.3.1 Capacidades

Dados levantados durante esta pesquisa indicaram informações de suma importância no que diz respeito às capacidades da subunidade de cavalaria paraquedista. Os meios de emprego militar, as viaturas e a organização desta tropa ditarão quais missões o esquadrão será capaz de realizar.

O Esqd C Pqdt é constituído pelos seguintes elementos: Comando do Esqd C Pqdt (Comandante e seu Estado Maior), Pelotão de Comando e Apoio e três Pelotões de Cavalaria Paraquedistas (Pel C Pqdt), que constituem os elementos de manobra do Esqd C Pqdt. Os Pel C Pqdt são compostos por: Grupo de Comando; dois Grupos de Exploradores; uma Seção de Mísseis Anticarro, a uma peça de míssil anticarro e uma uma peça de canhão anticarro 84mm; e de uma uma peça de apoio dotada de Morteiro 81mm. O efetivo previsto dessa tropa é de 208 militares.

Em se tratando de sua plataforma de combate, o Esqd C Pqdt conta com diferentes viaturas dentro de seus pelotões. Cada pelotão de cavalaria possui oito motocicletas, cinco Viaturas Blindadas Multi-Tarefa (VBMT-LR), três Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP-MR) e uma Viatura Blindada de Combate (VBC-Mrt-LR). Elas oferecem grande mobilidade e flexibilidade, além de fornecer relativa proteção blindada e potência de fogo.

Com relação aos meios de Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos (IRVA), podemos apontar que, para o efetivo de uma SU, o Esqd Pqdt dispões de importantes materiais. Dentro de seu Pelotão de Comando e Apoio está inserida uma Seção de Vigilância Terrestre similar a de um Regimento de Cavalaria Mecanizado.

Analisando as informações recém apresentadas, podemos inferir que o Esqd C Pqdt tem capacidade de cumprir missões atinentes a uma subunidade de cavalaria, a semelhança das tropas Mecanizadas, devendo atentar as ressalvas relacionadas aos seus armamentos disponíveis e do apoio de fogo do seu comando enquadrante.

4.3.2 Doutrina

Por fim, pode-se inferir a cerca do emprego ideal do 1º Esquadrão de Cavalaria Paraquedista considerando as capacidades e necessidades da grande unidade enquadrante e os resultados levantados nas entrevistas.

A pesquisa revelou que a SU de cavalaria paraquedista possui uma estrutura flexível que possibilita a sua adaptação conforme a necessidade apresentada pela situação. Entretanto, ela carece de ser empregada de forma centralizada para manter efetiva todas as suas capacidades. Como já foi apontado, a Bda Inf Pqdt enxerga a opção de utilizar unidades modulares para compor Forças Tarefa (FT). Foi quase unanimidade

entre os entrevistados que a utilização de FTs empregando apenas um Pelotão de Cavalaria Paraquedista comprometeria suas funções de combate Inteligência, Movimento e Manobra e Comando e Controle.

Compreende-se assim a importância do emprego dos pelotões de cavalaria paraquedista centralizado sob a égide de seu comando de origem, conservando suas capacidades operativas nas funções de combate já mencionadas e conseqüentemente seu poder de combate.

Seguindo o entendimento da similaridade das aptidões entre o R C Mec e o Esqd C Pqdt observada anteriormente e coerente com o emprego da SU Aet de maneira centralizada, visto que uma operação defensiva é de competência de uma GU e rel, essa SU poderia cumprir as seguintes missões ou ações táticas.

- a. Estabelecer PAG (F Cob): obter informes oportunos sobre a localização, valor e atividades do inimigo, desorganizar e retardar seu avanço, ocultar a verdadeira localização da posição defensiva e alertar a ADA sobre a aproximação do inimigo;
- b. Estabelecer PAC (F Prot): proporcionar alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo e impedi-lo de realizar a observação terrestre aproximada e os fogos diretos sobre o interior da área de defesa;
- c. Constituir Reserva (F Prot/Res): permanecer em Z Reu enquanto se mantém preparada para atuar como Força de Proteção ou realizar contra-ataque; e
- d. Retardar: movimento tático organizado para a retaguarda realizando a troca, com o inimigo, de espaço por tempo.

Ao ser empregado como Reserva, o Esqd C Pqdt agregará à Força de Proteção ou de Reserva maior mobilidade e flexibilidade. Apesar de possuir poder de fogo semelhante a uma subunidade de infantaria, a SU C Pqdt é dotada de plataformas de combate, como a Viatura Blindada Multi-tarefa (VBMT) e o Guarani, que lhe concedem grande versatilidade que podem ser relevantes durante um contra-ataque. Sua proteção blindada mediana auxilia sobremaneira enquanto apoia o retraimento de uma tropa pressionada.

Constituindo a reserva da Bda ou não, esta SU poderá receber a ação tática de estabelecer o PAC ou PAG. Nessa situação, seu potencial na função de combate Inteligência o destaca como uma das tropas paraquedistas mais aptas a realizar esse tipo de ação. Entretanto, no caso específico do PAG cresce a importância de orientar seu

emprego apoiado pelos fogos da Artilharia de Obuseiros de dotação da Bda Inf Pqdt.

Outra opção seria, ao determinar a direção provável de avanço do inimigo, determinar que o Esqd C Pqdt realizasse uma ação retardadora a fim de degradar o poder de combate do inimigo, retardar seu avanço e fornecer tempo para que as outras unidades da brigada consigam melhorar a organização de suas defesas.

4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

Ao examinar os resultados e discussões conduzidos neste capítulo, observamos que o maior impecilho para a atuação do Esqd C Pqdt em prol da Bda Inf Pqdt em Operações Defensivas é a descentralização de seus pelotões dentro das FTs valor unidade, que resulta na depreciação simultânea de varias funções de combate e consequentemente colabora com a perda do poder de combate dessa SU. Fora isso, as capacidades daquela SU mantém-se similares às tropas mecanizadas de cavalaria.

Senguindo a análise, identificamos que quase a totalidade dos militares entrevistados responderam de forma negativa no que diz respeito ao emprego do Esqd C Pqdt integrando uma FT valor unidade. Além disso, foi levantado o quão importante é o apoio de uma bateria de obuses enquanto o esqd cumpre missões de Força de segurança ou Ação Retardadora.

Finalmente, verificamos que as mudanças necessárias estão relacionadas a forma como a Bda Inf Pqdt emprega o 1º Esqd C Pqdt e como o apoia na execução das missões características as suas capacidades. Considera-se que essa discussão possa auxiliar futuros exames acerca do assunto que colaborem com a atualização de nossa doutrina.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

O ponto de partida desta pesquisa estava relacionado diretamente à seguinte questão de estudo: de que maneira a execução de Operações Defensivas influenciam o Esqd C Pqdt inserido no contexto das Operações Aeroterrestres? Apesar disso, com as reflexões propostas por esse trabalho, foi possível determinar a influência dessas operações a luz da doutrina vigente e das capacidades e limitações do Esquadrão de Cavalaria Paraquedista.

A revisão da literatura e as entrevistas puderam contribuir com compreensões provocadas por experiências de militares que, seja por meio do adestramento ou por conta de exercícios conjuntos com outras forças, apontaram as maneiras mais contemporâneas de empregar o Esquadrão Paraquedista. Dessa forma, fica viabilizado o estudo e redação de uma atualização a doutrina dessa subunidade, que foi gerada em 1994. Viu-se que a Doutrina Militar Terrestre (DMT) em outras nações vem avançando ao passo que a doutrina do Esqd C Pqdt permanece a mesma por mais de 26 anos.

A IP2-33 por permanecer estagnado durante todo esse tempo se encontra defasada e, em alguns momentos, até desalinhada com a DMT vigente, apresentando conceitos conflitantes com os estabelecidos em manuais mais recentes como os EB70-MC-10.223 – Operações e EB70-MC-10.217 – Operações Aeroterrestres. Desse modo pode-se considerar solucionada também a questão de estudo: quais as alterações necessárias à proposta de atualização doutrinária do Esqd C Pqdt na execução de Operações Defensivas, visando atender o objetivo integrador da elaboração do manual?

O trabalho também aponta que não poder ser considerado simples alterar a situação de comando dos Pelotões de Cavalaria Paraquedista. Devem ser consideradas todas as implicações logísticas em uma ação de combate. A flexibilidade desse pelotão oferece a SU alternativas de modular sua força. Entretanto, enquanto o pelotão atuar de forma isolada irá perder muito de suas capacidades.

Todas as principais consequências para o emprego da tropa em questão, considerando as Operações Defensivas foram alvo de análise. Dessa forma, foram levantadas as influências sobre as formas de emprego do Esqd C Pqdt. Ao confrontar a IP 2-33, o recente manual EB70-MC-10.354, conflitos armados dos anos 2000 e experiências a cerca de operações recentes realizadas pelo 1º Esqd C Pqdt, verificou-se a necessidade de alterações em forma de manual que proporcionem condições para que o emprego do Esqd C Pqdt se tornem contemporâneos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Exército. *Base Doutrinária 1º Esqd C Pqdt*, 2019.

BRASIL, Exército. *EB20-MF-10.101 – Operações*, Brasília, DF, 2017.

BRASIL, Exército. *EB20-MF-10.102 – Doutrina Militar Terrestre*, Brasília, DF, 2019.

BRASIL, Exército. *EB20-MF-03.109 – Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército*. Brasília, DF, 2019

BRASIL, Exército. *EB20-P-03.002 – Plano de Desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre 2020*, Brasília, DF, 2019.

BRASIL, Exército. *EB 70-MC-10.357 – Regimento de Cavalaria Mecanizado*, Brasília, DF, 2020.

BRASIL, Exército. *EB70-MC-10.217 – Operações Aeroterrestres*, 1. ed. Brasília-DF 2017.

BRASIL, Exército. *EB70-MC-10.222 – A Cavalaria nas Operações*, 1. ed. Brasília, 2018.

BRASIL, Exército. *IP 2-33 1º Esqd C Pqdt*, 1. ed. Brasília, DF 1994.

UNITED STATES OF AMERICA, Department of Army. *FM 3-99 Airborne and Air Assault Operations*, 2015.

SCEPPACUERCIA, Joaquin Francisco. *Os esquadrões de Cavalaria Paraquedista dos Exércitos Argentino e Brasileiro: Estudo Comparativo De Emprego Das Operações Aeroterrestres*. Rio de Janeiro: RJ. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2020.

NASCIMENTO, Marcus Vinícius Falcão Figueiredo Do. *Estudo comparativo entre a reorganização de uma Forçatarefa Paraquedista do Exército Brasileiro e do Ejército de Tierra da Espanha*. Rio de Janeiro: RJ. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2018.

NASCIMENTO, Victor Da Silva. *A Logística de suprimento da operação serval, no Mali, de acordo com a doutrina militar terrestre brasileira*. Rio de Janeiro: RJ. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2019.

ABREU, Pedro Ferreira Vieira Simões de. *Operações Aerotransportadas: Evolução, aplicabilidade corrente e perspectiva futura dos lançamentos em massa como vetor de projeção de força*. Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada – Academia Militar, Lisboa, 2017.

CAMEL, Ken. *Operation Market Garden*. Disponível em: http://www.flamesofwar.com/hobby.aspx?art_id=1980. Acessado em 24 Fev 2021.

HEISBOURG, François. *A Surprising Little War: First Lessons of Mali*. *Survival*, 55:2, 7-18, 2013. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00396338.2013.784458>>. Acesso em: 24 Fev 2021.

MENEZES, Rafael. *1º Esqd Cav Pqdt*. 2016. Disponível em: <http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/oms/60-organiza%C3%A7%C3%B5es-militares/109-1-esqd-cav-pqdt.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SHURKIN, Michael. *France's War in Mali*, Califórnia, 2014.

NETO, Arlindo José da Cruz. *A operação Northern Delay e a viabilidade do assalto aeroterrestre*. *A Defesa Nacional*. v.104, n.832, p.42-50, 2017. Disponível em www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/ADN/article/view/1288>. Acessado em 24 de fev. de 2021.

7. APÊNDICE: ENTREVISTA

O esquadrão de cavalaria paraquedista na execução de operações defensivas

Esta entrevista compõe a pesquisa realizada pelo Cap Cav Nailton da Silva Dias Junior, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO).

O desenvolvimento de novas capacidades operativas se torna inevitável para a adequação aos novos conceitos de combate do século XXI da única GU de natureza aeroterrestre da nossa Força Terrestre. Para isso, suas unidades devem desenvolver capacidades compatíveis com a necessidade do emprego. Uma vez que a base doutrinária do Esqd Pqdt é a IP 2-33 – Esquadrão de Cavalaria Paraquedista de 1994, se faz necessário um estudo sobre a doutrina para verificar se esta mantém-se compatível a essência do combate atual.

Dessa forma, esta pesquisa tem por finalidade analisar o emprego do Esqd C Pqdt em Operações Defensivas e, a partir disso, verificar quais são as atualizações em manual doutrinário, relativo ao assunto, que se fazem necessários para a melhor organização e emprego desta fração em proveito das Operações Aeroterrestres.

Para isso, esta entrevista deve ser preenchida por militares que comandaram ou ocuparam a função de S-3 no Esqd C Pqdt. A delimitação desses cargos/funções visa objetivar que o militar tenha maiores conhecimentos e experiências relativo ao emprego e planejamento tático desta SU em prol da missão da Brigada de Infantaria Paraquedista.

Cordialmente,

Cap Cav Nailton da Silva Dias Junior.

ENTREVISTA

1. Quais missões o senhor considera que o Esqd C Pqdt possui a capacidade de realizar em prol da Bda Inf Pqdt inserido em uma Operação Defensiva considerando as suas capacidades?

- PAC
- Reserva
- Vigilância
- PAG / Movimento Retrógrado

2. O senhor considera que as missões de PAG e Retardamento podem ser cumpridas pelo Esqd C Pqdt de maneira adequada e por quais motivos?

3. Como o Sr. considera o emprego dos pelotões do Esqd C Pqdt de maneira descentralizada dentro do modelo de FT nível unidade utilizado pela Bda Inf Pqdt e por quais motivos?

4. Qual(is) aspecto(s) o Sr. avalia que sofrerá impacto no emprego do Esqd C Pqdt enquanto atuando de maneira descentralizada descentralizado?

5. O Sr. Gostaria de acrescentar alguma informação que considere importante quanto ao emprego, ações táticas desempenhadas ou missões do Esqd C Pqdt atuando em prol da Bda Inf Pqd inserida em uma Op Def?

AGRADECIMENTO

Agradeço pelas informações prestadas e pelo tempo disponibilizado em prol desta pesquisa. Caso o senhor tenha qualquer dúvida ou sugestão, entre em contato através do endereço eletrônico: roinujsaid@hotmail.com

ANEXO A: PROPOSTA DE SUBCAPÍTULO

4.3 OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.3.1.1 As operações defensivas (Op Def) constituem-se em operações terrestres com atitudes temporárias adotadas pela força, até que, criadas condições favoráveis, possa tomar ou retomar a ofensiva. São realizadas para conservar a posse de uma área ou negá-lo ao inimigo, e, também, para garantir a integridade de uma unidade ou meio.

4.3.2 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.3.2.1 As operações defensivas são divididas de acordo com o quadro abaixo.

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPOS	FORMAS DE MANOBRA
DEFESA EM POSIÇÃO	DEFESA DE ÁREA
	DEFESA MÓVEL
MOVIMENTO RETRÓGRADO	AÇÃO RETARDADORA
	RETRAIMENTO
	RETIRADA

Tab x-x Operações Defensivas

4.3.3 Defesa em Posição

4.3.3.1 Fundamentos da Defesa

4.3.3.1.1 São os seguintes os fundamentos da defesa:

- a) apropriada utilização do terreno;
- b) segurança;
- c) defesa em todas as direções;
- d) defesa em profundidade;
- e) flexibilidade;
- f) dispersão;
- g) máximo emprego da ação ofensiva;
- h) integração e coordenação das medidas defensivas;

- i) tempo; e
- j) apoio mútuo.

4.3.3.1.2 O manual EB70-MC-10.223 OPERAÇÕES detalha os fundamentos da defesa e aprofunda outras informações sobre o tema.

4.3.3.2 Escalonamento da Defesa

4.3.3.2.1 As áreas de defesa são escalonadas em: a área de segurança (A Seg), a área de defesa avançada (ADA) e a área de reserva (A Res).

4.3.3.2.2 Área de Segurança

- a) É a que se estende à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA) até onde forem empregados os elementos de segurança da U.
- b) As F Seg são compostas de elementos que alertam sobre a aproximação do inimigo, desorganizam-no e o iludem quanto à verdadeira localização da P Def.

4.3.3.2.3 Área de Defesa Avançada

- a) A Área de Defesa Avançada se estende do seu limite anterior (LAADA) para a retaguarda, englobando as posições ocupadas pelas SU de primeiro escalão.
- b) As forças da ADA são compostas pelos elementos encarregados da defesa imediata dessa área.

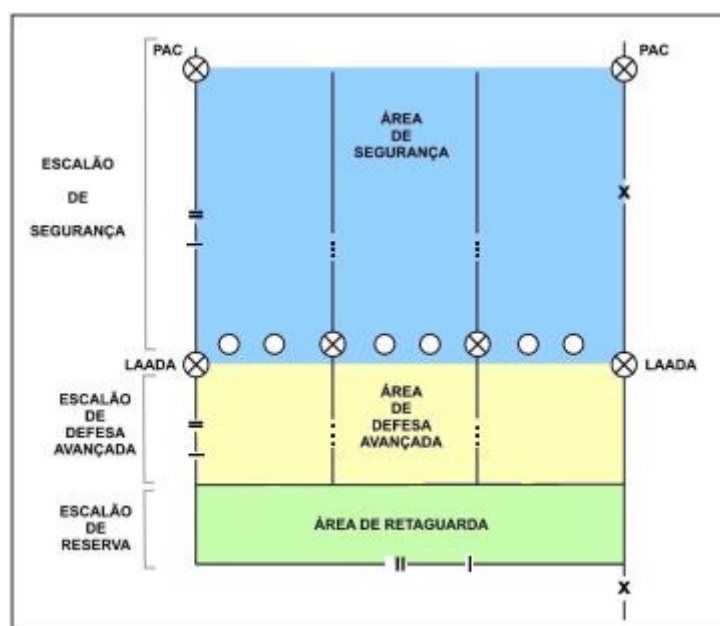


Fig XX – Escalonamento do Esqd C Pqdt na defesa de área

4.3.3.2.4 Área de Reserva

- a) A área de reserva estende-se da retaguarda das subunidades em primeiro escalão até o limite de retaguarda da unidade.
- b) As forças de reserva ocupam regiões na A Res (também chamada de área de retaguarda) e dão profundidade à posição defensiva.
- c) Esses elementos limitam e eliminam as penetrações ou podem reforçar as SU de primeiro escalão.

4.3.3.3 Possibilidades do Esqd C Pqdt na Defesa em Posição

- a) executar o reconhecimento e prover segurança;
- b) ser empregado nos postos avançados de combate (PAC), na A Seg;
- c) manter o terreno (com restrições, devido ao reduzido número de Fuz);
- d) contra-atacar; e
- e) integrar outras forças.

4.3.3.4 Considerações sobre o Emprego do Esqd C Pqdt na Defesa em Posição

4.3.3.4.1 A Bda Inf Pqdt em uma Operação Defensiva geralmente irá adotar uma Defesa Circular ou Defesa em Ponto Forte mobiliando uma Cabeça de Ponte Aérea. Nesta situação o Esqd C Pqdt estará mais apto a atuar como força de segurança ou força de reserva da Bda Inf Pqdt.

4.3.3.4.2 Ao se planejar o emprego de um Esqd C Pqdt em operações de Def Pos deve-se levar em consideração:

- a) que as Seç AC não possuem carros de combate. Suas características colocam-nas em desvantagem no enfrentamento de CC no compartimento de combate. Seu emprego contra CC e armamento AC será de posições cobertas ou abrigadas e integrado ao emprego de fogos indiretos;
- b) que as AC ocuparão posições de tiro ou posições de combate na crista topográfica e não na crista militar;
- c) que os Pel C Pqdt possuem reduzido efetivo de fuzileiros para manter o terreno;
- d) que, mesmo empregando, provisoriamente, os Exp como se fossem Fuz, a sua capacidade de manter o terreno é inferior a de uma SU de infantaria;
- e) que seu emprego como reserva (atuando embarcado) é limitado, em função da inexistência de CC; e
- f) que o melhor emprego do Esqd em operações de Def Pos será sempre nas forças de segurança.

4.3.3.5 Defesa Circular ou Defesa em Perímetro

4.3.3.5.1 Considerações Gerais

a) A defesa circular é uma técnica especial de defesa variante da Def A, na qual as U são dispostas de modo a fazer frente, simultaneamente, a um ataque inimigo proveniente de qualquer direção.

b) A defesa circular pode ser empregada nas seguintes situações:

- para defender posições isoladas no interior das linhas inimigas;
- na constituição de pontos fortes na defesa móvel ou em larga frente;
- no caso de isolamento da GU (cerco ou envolvimento) por ação do inimigo; e
- sob condições de restrição de terreno, tais como áreas montanhosas, locais de densa cobertura vegetal e regiões áridas, que impeçam a organização de um dispositivo de defesa clássico.

c) Em princípio, o perímetro da posição defensiva circular será dividido em setores de unidades, que podem ocupá-los de diversas formas.

d) Normalmente, os elementos de comando, de apoio e de serviços são localizados no centro do perímetro.

e) A defesa circular caracteriza-se, particularmente, por:

- máxima potência de fogo à frente do LAADA;
- grande apoio mútuo; e
- pequeno espaço de manobra.

4.3.3.5.2 O Esqd C Pqdt na Defesa Circular

a) Área de Segurança

- A área de segurança é organizada de maneira idêntica à defesa de área.
- Os elementos de primeiro escalão estabelecem a segurança aproximada e o comando da grande unidade que conduz a defesa circular estabelece os PAC.
- Os elementos que guarnecem os PAC fornecem alerta oportuno da aproximação do inimigo, impedem sua observação direta sobre as posições e, dentro de suas possibilidades, retardam, causam baixas e desestabilizam as forças inimigas.
- Os PAC são localizados em regiões que ofereçam boa observação, impeçam a observação e tiros diretos do inimigo sobre a posição e que estejam dentro da distância de apoio do LAADA.
- As frações que guarnecem os PAC são localizadas de modo a cobrir as Via A que conduzem ao LAADA.
- Os intervalos entre os elementos dos PAC são cobertos por patrulhas, radar, observação terrestre e aérea (ARP) e por fogos.

b) Área de Defesa Avançada

- Na defesa circular, os elementos de primeiro escalão recebem a responsabilidade de organizar e defender uma parte específica do perímetro. A frente designada para cada elemento de primeiro escalão dependerá da missão, do terreno, do inimigo, dos meios e do tempo disponíveis. Quando o inimigo não for esperado de uma direção particular, o Cmt Bda organiza a defesa através de uma distribuição homogênea dos elementos subordinados no perímetro. As armas de apoio ficam em condições de apoiar igualmente todo o perímetro defensivo. Quando for conhecida a direção provável do ataque inimigo ou quando parte do perímetro for particularmente perigosa para a defesa, o Cmt Bda atribui frente mais estreita para o elemento que defende a Via A mais importante. Nesse caso, procura dar maior profundidade ao dispositivo nessa parte do perímetro e as armas de apoio são, inicialmente, orientadas nessa direção.
- Como os intervalos entre os elementos de primeiro escalão devem ser evitados, particularmente em terreno coberto, as frentes e profundidades são grandemente reduzidas. Devido à pouca profundidade e falta de espaço de manobra, o Cmt Bda procura evitar penetrações na posição. Desse modo, o grosso dos seus meios deve ser localizado no perímetro defensivo, restando uma pequena reserva.
- O dispositivo a ser adotado na defesa circular pode variar de acordo com a definição da provável direção de ataque inimigo, o terreno e os planos para futuras operações.
- O Esqd C Pqdt não é a tropa mais apta a compor a defesa avançada da Bda Inf Pqdt.

c) Área de Reserva

- A Res pode ser constituída pelo Esqd C Pqdt.
- É conveniente a organização da reserva com grande mobilidade, em condições de atuar rapidamente em qualquer direção. Posições de aprofundamento devem ser preparadas para fazer face a um ataque a qualquer parte do perímetro. A reserva poderá ocupá-las desde logo, tendo em vista as direções mais perigosas para defesa.

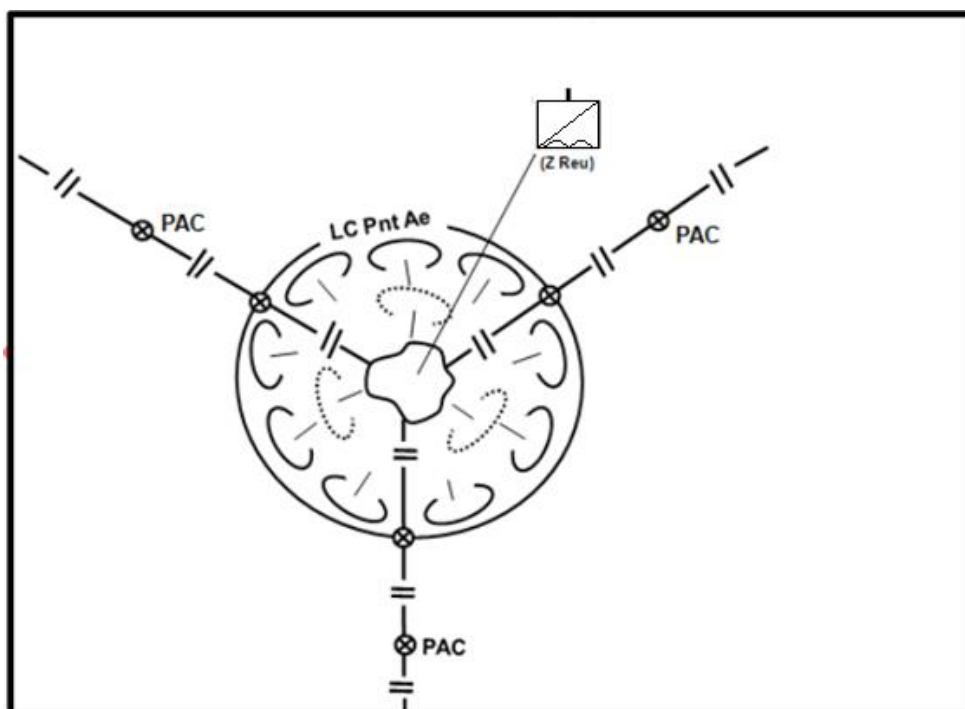


Figura xx – Esqd C Pqdt constituindo reserva na defesa circular sob forma de C Pnt Ae

d) Apoio de Fogo

- O emprego das armas de apoio orgânicas e em reforço, bem como RVT e SARP, são, de um modo geral, idênticos ao de uma defesa de área.

- As metralhadoras são, normalmente, empregados de modo a cobrir todas as prováveis Via A do inimigo. As metralhadoras dos elementos em reserva podem ser empregadas no LAADA, reforçando a defesa.

- As armas anticarro, normalmente, batem alvos de diversas naturezas, reforçando os fogos das demais armas.

- As armas de tiro indireto devem bater o inimigo o mais longe possível do LAADA e em qualquer direção.

e) Apoio Logístico

- Na defesa circular, o suprimento, normalmente, é executado por transporte aéreo. A seleção ou construção de uma zona de aterragem ou de lançamento, protegida da observação e fogos do inimigo, é uma necessidade prioritária na preparação da posição.

- Tendo em vista que o esforço aéreo depende das condições meteorológicas e, frequentemente, sofre a ação inimiga, deve-se providenciar abrigo para os suprimentos e deve ser buscada a economia no seu consumo.

- Os planos de suprimento devem considerar o emprego de carga em fardos, preparados com antecedência para maior rapidez de entrega. Esses fardos devem ser de pequeno volume e peso para facilitar a imediata distribuição e o transporte a braço da zona de aterragem para áreas protegidas.

4.3.3.5.3 Medidas Defensivas Diversas

4.3.3.5.3.1 Plano de Barreiras

a) O Cmt planeja o emprego de obstáculos à frente e no interior de sua área de defesa, integrados no sistema de barreiras da brigada.

b) Os obstáculos devem ser estabelecidos levando-se em conta a localização das posições defensivas e o efeito das barreiras sobre a mobilidade das forças amigas no interior da posição, particularmente nos C Atq.

4.3.3.5.3.2 Defesa Anticarro

a) A defesa anticarro reúne o conjunto de atividades passivas e ativas para a preservação da força contra meios blindados inimigos, auxiliando na proteção da tropa e permitindo que os comandantes disponham do máximo de poder de combate para emprego.

b) A DAC deve ser estabelecida em largura e em profundidade e deverá explorar as principais vulnerabilidades dos blindados Ini. A DAC deve ser complementada ainda pelo plano de fogos dos armamentos indiretos e diretos e pelo emprego da aviação (se disponível).

c) A Seç MAC dos pelotões pode ser empregada de forma centralizada, aprofundando a defesa AC nas áreas de engajamento ou barrando a penetração de força blindada nos flancos ou retaguarda

4.3.3.5.3.3 Defesa contra Ataques Aeroterrestres, Aeromóveis, Ações de Guerrilha e Infiltrações

a) Devem ser tomadas medidas efetivas contra ameaças de forças inimigas aeroterrestres e aeromóveis, de guerrilha e de infiltração, de modo que o Esqd possa concentrar-se na missão principal da defesa.

b) Quando uma força inimiga se infiltrar na área, toda ou parte da reserva recebe a missão de destruí-la e os fogos planejados apoiam a sua ação.

c) Este assunto é abordado no capítulo VI - Ações Comuns a todas as operações.

4.3.3.5.3.4 Defesa contra Ataques Aéreos

- O capítulo XI – Proteção deste manual aborda o assunto de forma detalhada.

4.3.3.5.3.5 Simulação

a) Ao estabelecer o plano de defesa, o Cmt Esqd C Pqdt considera o emprego das medidas de simulação que possam levar o atacante a dispersar meios ou orientar mal o seu esforço.

b) As forças de segurança empregam a simulação para fazer com que o inimigo desdobre-se prematuramente e retarde a execução de seus planos.

c) Posições, equipamento e atividades simuladas podem favorecer a economia de forças e obrigar o inimigo a executar uma ação ofensiva desnecessária, tornando seus elementos vulneráveis a uma ação amiga.

d) Os trabalhos simulados devem ficar localizados, no mínimo, a duzentos metros de qualquer posição real, para que os fogos dirigidos contra eles não atinjam os locais efetivamente ocupados.

4.3.3.5.4 Penetração na ADA da Bda Inf Pqdt

4.3.3.5.4.1 As penetrações na ADA da Bda, junto ao limite entre as U, devem levar a reserva, ou parte dela, a ocupar os núcleos de defesa suplementares, aprofundando a posição. De lá o inimigo é contido e repellido, com apoio dos fogos dos elementos de primeiro escalão.

4.3.3.5.4.2 A penetração a cavaleiro do limite entre as U é enfrentada, inicialmente, pelo fogo coordenado das duas unidades. O C Atq, se necessário para expulsar o inimigo da penetração, será coordenado pelo comando superior.

4.3.3.5.5 O Esqd C Pqdt na Reserva da Brigada

4.3.3.5.5.1 O Esqd C Pqdt reserva da Bda, em um dispositivo defensivo, pode:

- a) Limitar penetrações - o Cmt Bda designa as posições de aprofundamento (normalmente de valor SU) das quais a Res possa apoiar pelo fogo os batalhões de primeiro escalão, deter penetrações, canalizar o ataque inimigo e completar a defesa em todas as direções.
- b) Proteger um flanco - quando a Bda tem um flanco exposto ou fracamente defendido ou quando há brechas entre os elementos de 1º Esc, são designadas e preparadas posições das quais a reserva possa proteger os flancos.
- c) Contra-atacar - baseado nos planos de C Atq da Bda, em função das possíveis penetrações inimigas e tendo em vista reconquistar partes da ADA perdidas.
- d) Organizar uma segunda linha de defesa - a Res prepara, na altura dos aprofundamentos da brigada, posição na qual possa conduzir uma defesa semelhante à das unidades de primeiro escalão.
- e) Estabelecer PAC ou participar dos postos avançados gerais (PAG) ou forças de segurança - a Res poderá estabelecer ou guarnecer os PAC em lugar das U de primeiro escalão. Da mesma forma, de acordo com a determinação do escalão superior, poderá integrar os PAG ou mesmo uma força de segurança.
- f) Reforçar um dos elementos de primeiro escalão – os reforços podem ser decorrência de uma conduta ou decisão de execução da Bda para aumentar ou repor o poder de combate de uma unidade cujo poder combativo tenha sido degradado durante a ação inimiga.
- g) Executar missões de segurança da área de retaguarda - nessas missões se incluem a defesa contra ações aeroterrestres e aeromóveis, contra guerrilheiros e de infiltrações do inimigo.
- h) Participar da organização do terreno - a Res participa, particularmente, da preparação das posições de aprofundamento, do aperfeiçoamento de obstáculos naturais, do lançamento de campos de minas no interior da posição, da preparação de itinerários e da construção de trabalhos simulados.

4.3.3.5.5.2 Dispositivo Defensivo

- a) O Cmt Bda prescreve a missão da reserva e as posições de aprofundamento a serem preparadas, bem como sua prioridade de construção.
- b) Normalmente, a reserva permanece em uma Z Reu ou articulada em mais de uma, se a situação e o terreno o indicarem, em condições de ocupar as posições de aprofundamento ou contra-atacar no mais curto prazo.
- c) De posse do plano de defesa da Bda, o Cmt da reserva planeja o emprego dos elementos subordinados, considerando os aspectos a seguir enumerados:
 - nucleamento (valor pelotão) das posições principais e suplementares de aprofundamento determinadas pela Bda, possibilitando sua preparação por qualquer

elemento disponível;

- limites e pontos a entrarem em vigor, Mdt O. Os limites são estendidos à frente e à retaguarda das áreas de defesa das U de primeiro escalão. Durante a condução da defesa, os limites podem ser prolongados até o LAADA ou modificados de acordo com a situação;
- itinerários para ocupação das posições de aprofundamento;
- designação dos Pel que poderão vir a ocupar cada posição de aprofundamento; e
- divisão da Z Reu do Esqd C Pqdt pelos elementos subordinados e em reforço.

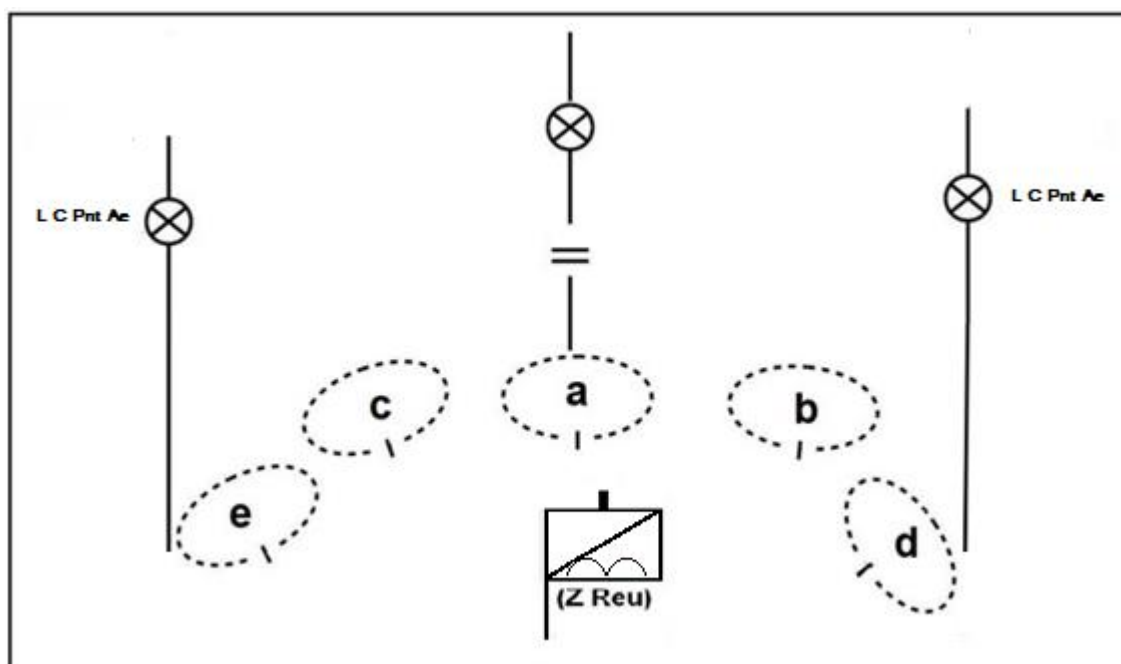


Figura xx – Dispositivo da Reserva em uma Defesa em Posição

d) Os Pel ocupam posições de aprofundamento, normalmente adotando um dispositivo linear. São preparadas posições suplementares para aprofundar a defesa sobre as principais Via A no interior e nos flancos da posição e para proporcionar defesa em todas as direções. Quando não estiverem empenhados com o Ini, as SU aperfeiçoam as posições de aprofundamento a elas atribuídas.

4.3.3.5.5.3 Apoio de Fogo

a) No planejamento de fogos, a reserva dá prioridade aos fogos defensivos em apoio aos próprios pelotões, ficando em condições de limitar as penetrações inimigas e criando condições para a Bda conduzir a defesa em uma segunda linha.
 b) Em uma segunda prioridade, são planejados fogos longínquos para apoiar as U de primeiro escalão. Excepcionalmente, Mdt O do Esc Sp, os morteiros e outras armas orgânicas da reserva podem ocupar posições avançadas para a execução desse apoio. Nesse caso, deverão retrair em tempo de proporcionar seu apoio à própria reserva, quando se tornar necessário.

4.3.3.5.4 Contra-ataque

a) A ordem da Bda prescreve as possíveis penetrações contra as quais devam ser preparados planos de C Atq, bem como estabelece a prioridade para esse planejamento. O Cmt da reserva pode ser designado para elaborar esses planos que, depois de preparados e coordenados com os elementos de apoio, são levados ao Cmt Bda para aprovação. O C Atq não deve ser dirigido contra objetivos situados fora da ADA. Os Cmt vizinhos coordenam os planos para reduzir as penetrações que afetem simultaneamente ambas as áreas de defesa.

b) Os planos de C Atq a serem apresentados ao Cmt Bda devem conter:

- posição inicial da reserva;
- itinerários para atingir a P Atq;
- pontos de liberação;
- linha de partida (normalmente a própria linha de contato);
- direção de contra-ataque (normalmente dirigida ao flanco da penetração);
- objetivo do C Atq;
- conduta após o C Atq;
- medidas de coordenação e controle;
- comando e constituição da reserva provisória;
- plano de apoio de fogo; e
- quando necessário, a designação de uma Z Reu avançada.

c) Aprovados os planos propostos ou recebidos os elaborados pela Bda, o Cmt da reserva passa à elaboração dos planos de execução nos quais pormenoriza a missão dos elementos subordinados. Em princípio, toda a reserva é lançada em uma única e decisiva ação, não se parcelando seus meios para uma nova tentativa, que raramente terá ocasião de fazer.

4.3.3.5.6 O Esqd C Pqdt em Missão de PAG

- O capítulo V – Operações Complementares deste manual aborda o assunto de forma detalhada.

4.3.3.6 Defesa em Ponto Forte

4.3.3.6.1 A defesa em ponto forte (PF) é uma técnica de defesa que poderá ser empregada pela Bda Inf Pqdt para defender uma posição capital no terreno. Normalmente, a defesa em ponto forte adota o dispositivo de defesa circular, com grande apoio mútuo, menor dispersão e com consideráveis trabalhos de organização do terreno.

4.3.3.7 Defesa de Área

4.3.3.7.1 A defesa de área dá ênfase à manutenção ou ao controle de um terreno específico, por um determinado tempo. O defensor desdobra a maioria de seu poder de combate de forma linear na área de defesa avançada para deter as forças inimigas à frente dessa área e conduz C Atq para expulsar ou destruir forças inimigas que ali penetrarem, retomando o controle do terreno que deseja conservar. A área de defesa avançada tem uma maior prioridade na distribuição dos meios de combate, uma vez que o defensor depende da potência dos fogos e das forças ali empregadas para deter e repelir o atacante.

4.3.3.7.2 Na defesa de área, o defensor planeja aceitar um engajamento decisivo e cumprir sua missão pela destruição do atacante, ao longo do limite anterior da área de defesa avançada, contando com um grande volume e variedade de fogos. O defensor pode não possuir capacidade para ocupar todos os acidentes capitais do terreno da posição defensiva; no entanto, emprega suficiente poder de combate à frente para dominar toda a área.

4.3.3.7.3 O Esqd C Pqdt na Defesa de Área

a) As considerações e TTP adotadas para o planejamento e a execução da defesa circular são similares às de uma Defesa Circular.

b) O planejamento da defesa, a organização dos Pel e a conduta da defesa baseiam-se nos fatores da decisão e nos fundamentos da defesa.

c) O Esqd C Pqdt desdobra seus Pel, normalmente, para barrar Via A de valor SU. No desdobramento dos Pel no terreno, o Cmt deve visualizar o posicionamento dos Grupos de cada Pel. Essas posições devem permitir o estabelecimento de um sistema defensivo integrado de toda a Bda Inf Pqdt.

d) O Cmt Esqd deverá procurar maximizar o emprego do armamento coletivo para apoiar os fuzileiros, que estarão desembarcados. As armas anti-carro devem ser empregadas para engajar e destruir os CC, os blindados leves inimigos e as viaturas não blindadas, a partir de posições cobertas e abrigadas, nos C Atq ou como base de fogos para os C Atq.

e) Os Fuz desembarcados são normalmente empregados para:

- realizar patrulhamento e ocupar postos de observação ou de escuta à frente da P Def, a fim de obter informes sobre o inimigo;
- construir e defender os obstáculos do plano de barreiras da P Def;
- realizar emboscadas com armamento anticarro portátil; e
- realizar a limpeza dos campos de tiro e de observação.

f) A Seç MAC, na defensiva, normalmente é empregada aprofundando o combate anticarro, reforçando as forças na área de segurança, a fim de destruir os elementos de reconhecimento do inimigo e bloqueando a penetração de CC inimigos nos flancos ou retaguarda da posição do esquadrão.

4.3.4 Movimentos Retrógrados

4.3.4.1 Considerações Gerais

- Movimento Retrógrado é qualquer movimento organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, forçado por este ou executado voluntariamente. Um Mvt Rtg bem planejado e executado pode proporcionar excelentes oportunidades para infligir consideráveis danos ao inimigo.

4.3.4.2 Finalidades

4.3.4.2.1 Os Mvt Rtg são executados para atingir as seguintes finalidades:

- a) inquietar, desgastar, resistir, retardar e infligir baixas ao inimigo;
- b) conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;
- c) permitir o emprego da força ou de uma parte dela em outro local;
- d) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
- e) ganhar tempo, sem engajar-se decisivamente em combate;
- f) desengajar-se do combate;
- g) adaptar-se aos movimentos de outras tropas amigas; e
- h) encurtar as vias de transporte.

4.3.4.3 Formas de Manobra do Movimento Retrógrado

4.3.4.3.1 Há três formas de manobra de Mov Rtg: Ação Retardadora, Retraimento e Retirada.

4.3.4.3.2 Ação Retardadora

- É a forma de manobra do Mvt Rtg em que a força em contato troca o mínimo de espaço pelo máximo de tempo, procurando infligir o máximo de danos ao inimigo, sem se deixar engajar decisivamente. Deve-se considerar que ao realizar o estudo de situação, considerando os fatores da decisão, o Cmt Bda Inf Pqdt poderá lançar o Esqd C Pqdt a frente do dispositivo defensivo da GU para realizar uma ação retardadora com carácter limitado quanto a sua direção, frente e profundidade.

4.3.4.3.3 Retraimento

- a) É a forma de manobra do Mvt Rtg em que toda ou parte de uma força desdobrada rompe o contato com o inimigo e desloca-se para a retaguarda, porém mantendo o contato.
- b) O Rtr pode ser executado com ou sem pressão do Ini, de dia ou à noite.
- c) Apesar do tipo de Rtr que se realize, o contato, por meio da observação, é mantido com as forças inimigas, para possibilitar a tomada de medidas de segurança e dissimulação.

4.3.4.3.4 Retirada

- a) É a forma de manobra do Mvt Rtg em que uma força, que não está em contato, desloca-se para longe do inimigo, segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo em condições desfavoráveis.
- b) A Ret pode ser feita seguindo-se a um Rtr. Nesse caso, ela se inicia logo que o grosso, depois de romper o contato, tenha formado as colunas de marcha.
- c) Normalmente, a Ret é executada para permitir que as operações futuras de combate sejam conduzidas sob condições mais favoráveis ou em local, ou oportunidade mais conveniente.

4.3.4.4 Estudo do Terreno e das Condições Meteorológicas

4.3.4.4.1 Terreno

- a) A utilização apropriada do terreno é vital à força que realiza um Mvt Rtg, por propiciar a oportunidade de causar grande retardamento a uma força inimiga, infligindo-lhe danos consideráveis e facilitar o retraimento.
- b) Para o estudo do terreno devem ser considerados os seguintes aspectos:
- observação e campos de tiro;
 - cobertas e abrigos;
 - obstáculos;
 - acidentes capitais; e
 - vias de acesso.
- c) O terreno ideal apresenta compartimentação transversal ao movimento, permite observação e campos de tiro profundos e dispõe de cobertas e abrigos.
- d) Os obstáculos naturais e artificiais devem ser intensamente explorados para retardar o avanço do inimigo, canalizá-lo para Via A que o coloquem em condição desfavorável e proteger flancos expostos. Devem ser localizados de forma a não interferir no retraimento, nem nas operações futuras. Os melhores resultados são alcançados, com o menor trabalho possível e maior rapidez, através da utilização de campos de minas, áreas minadas e destruições.
- e) Uma conveniente rede de estradas e solo de boa trafegabilidade facilitam o movimento da unidade, proporcionam rapidez aos deslocamentos, favorecem o controle da operação, permitem uma dispersão ampla e apresentam melhores condições para manobra na ocupação de posições de retardamento (P Rtrd), no retraimento e nas ações da reserva.

4.3.4.4.2 Condições Meteorológicas

- a) Boas condições meteorológicas favorecem a observação, aumentam o efeito dos fogos e agentes químicos e facilitam a manobra e o apoio logístico. b) Condições meteorológicas desfavoráveis dificultam a observação, reduzem os efeitos dos fogos, limitam o movimento através campo, diminuem a eficiência do pessoal e equipamentos e aumentam os

problemas de comando e controle.

c) A observação cuidadosa do início e fim do crepúsculo náutico, bem como das fases da lua, proporcionam os indicativos de luminosidade da zona de ação.

d) A direção e velocidade dos ventos devem ser acompanhadas sistematicamente, considerando-se o continuado uso de fumígenos nesse tipo de operação.

e) Entretanto, nem sempre as melhores condições meteorológicas são as desejadas para um Mvt Rtg, porquanto o mau tempo reduz a liberdade de ação do atacante, aspecto que contribui para favorecer o defensor.

4.3.4.5 Coordenação e Controle

4.3.4.5.1 O Esqd C Pqdt em um Mvt Rtg terá seus pelotões desdobrados em larga frente, realizando ações descentralizadas dentro do quadro geral da manobra, com os comandos subordinados atuando com liberdade de ação para explorar vantagens locais. Nesse quadro, cresce de importância o perfeito conhecimento da intenção do comandante, para nortear a iniciativa em ações locais e a coordenação e o controle da operação, para evitar que o inimigo isole ou desborde elementos de manobra ou realize penetrações que possam ameaçar o cumprimento da missão como um todo.

4.3.4.5.2 O rádio é o principal meio de comunicação empregado para o controle e a coordenação da manobra. Um planejamento cuidadoso das comunicações é essencial para evitar a revelação prematura do Mvt Rtg. Eles podem ser empregados, também, para simular tráfego de mensagens normal durante uma operação de retraimento ou retirada. Ao serem atribuídas missões às frações da SU, devem ser consideradas as possibilidades e alcance dos equipamentos de comunicações.

4.3.4.5.3 Uma vez que esse tipo de operação exige um planejamento centralizado e uma execução descentralizada, é importante que os planos do EM sejam cuidadosamente detalhados e que os comandos subordinados estejam perfeitamente cientes do conceito da operação e da intenção do Cmt.

4.3.4.5.4 As medidas de coordenação e controle usadas nos Mvt Rtg incluem:

- a) pontos-limite;
- b) posições de retardamento;
- c) pontos de controle;
- d) limites;
- e) pontos de ligação;
- f) linhas de controle intermediárias;
- g) Itinerários de retraimento (Itn Ret);
- h) zonas de reunião;
- i) Itinerários de progressão (Itn Prog);

- j) prazos de retardamento;
- k) pontos de passagem; e
- l) linha de acolhimento.

4.3.4.5.5 As normas para o controle do movimento de civis devem ser distribuídas o mais cedo possível. Elas devem ser rígidas, de simples execução, facilmente entendidas e exequíveis com um mínimo de tropas de combate.

4.3.4.6 Planejamento dos Movimentos Retrógrados

4.3.4.6.1 O Cmt, após receber a ordem do Esc Sp, realiza a análise da missão do esquadrão e apresenta suas diretrizes pessoais para o planejamento. Ao estabelecer as medidas de coordenação e controle, o Cmt Esqd C Pqdt leva em consideração que restrições desnecessárias prejudicam a iniciativa e a flexibilidade por parte de seus Cmt Pel. As medidas prescritas são as essenciais à segurança, à condução das fases do movimento e à manutenção da unidade de comando.

4.3.4.6.2 A ação retardadora engloba, durante seu desenvolvimento, os outros dois tipos de movimentos retrógrados: retraimento entre as P Rtrd e, caso seja empregado o processo de retardamento por posições alternadas, a retirada para a posição posterior, após o acolhimento.

4.3.4.6.3 Baseado na diretriz do comandante, os chefes das diferentes seções do EM realizam o planejamento da manobra na carta. As LAç, resultantes do estudo de situação, são levadas à consideração do Cmt.

4.3.4.6.4 O Cmt e seu EM fazem uso de todos os meios possíveis (reconhecimento terrestre e aéreo) para retificarem ou complementarem, à luz do terreno, os planejamentos feitos na carta. Após o confronto com o terreno, o Cmt chega à sua decisão, transmitida aos elementos subordinados em ordem de operações.

4.3.4.6.5 Em função da previsão de atuação do inimigo, serão estabelecidos tantos planos alternativos quantos possíveis, constantes de um anexo à O Op.

4.3.4.7 AÇÃO RETARDADORA

4.3.4.7.1 Considerações Gerais

a) Uma Aç Rtrd exige o emprego dos princípios da defesa em cada P Rtrd. Em cada posição são conduzidas ações ofensivas e defensivas que devem obrigar o inimigo a se desdobrar prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque. Na conduta da ação retardadora, são obedecidas todas as prescrições referentes ao retraimento e à retirada.

b) As P Rtrd não são organizadas em profundidade. Utiliza-se o máximo poder de combate em primeiro escalão, sobre as prováveis Via A do inimigo.

c) Em uma Aç Rtrd, o Esqd é dividido, sempre que possível, em dois escalões: a força retardadora e a reserva. O Cmt Esqd controla a ação por meio de L Ct, pela atribuição de

Z Aç aos Pel e pela designação de P Rtrd. Os Pel não designam reservas.

4.3.4.7.2 Características da Ação Retardadora

4.3.4.7.2.1 Controle Centralizado e Ação Descentralizada

a) A Aç Rtrd é caracterizada por operações em larga frente, com o máximo de forças em contato e um mínimo em reserva. Disso resulta uma série de ações independentes, ao longo da frente, cuja condução cabe aos Cmt subordinados.

b) O movimento para a retaguarda deve ser coordenado meticulosamente, a fim de assegurar que o inimigo não ultrapasse, desborde ou envolva qualquer elemento da força de retardamento ou obtenha uma penetração que possa comprometer o sucesso da missão.

4.3.4.7.2.2 Máximo Aproveitamento do Terreno

a) O terreno deve ser aproveitado ao máximo, não permitindo que o inimigo avance grandes distâncias sem oposição. As P Rtrd são selecionadas em regiões que permitam o domínio das prováveis Via A do inimigo e de forma a atingi-lo pelos fogos o mais distante possível.

b) Preferencialmente, as linhas de retardamento deverão estar apoiadas em rios obstáculos, eficazmente batidos por fogos. A necessidade de transpor seguidos cursos d'água, sob fogos ajustados, impõe grande retardamento ao avanço Ini.

4.3.4.7.2.3 Forçar o Inimigo a Desdobrar e a Manobrar

- O inimigo deve ser engajado no alcance máximo das armas de tiro indireto e no alcance útil das armas de tiro direto. Isso o obriga a perder tempo no desdobramento, no esclarecimento da situação e em manobras para desalojar a força de retardamento. O repetido emprego dessa técnica retardará a progressão do inimigo, obrigando-o a trocar espaço por tempo.

4.3.4.7.2.4 Máximo Emprego de Obstáculos

- A utilização de destruições e obstáculos naturais e artificiais é explorada ao máximo para retardar o inimigo. Os obstáculos, que devem estar batidos por fogos, são empregados para canalizar e retardar a progressão e para proporcionar segurança nos flancos.

4.3.4.7.2.5 Manutenção do Contato com o Inimigo

- Contínuos reconhecimentos devem ser conduzidos para estabelecer e manter o contato com o inimigo. Forças inimigas, móveis e potentes, com frequência, tentarão ultrapassar ou desbordar os flancos ou penetrar entre unidades que estejam conduzindo o retardamento. Para evitar penetrações ou desbordamentos, o contato não pode ser perdido.

4.3.4.7.2.6 Evitar o Engajamento Decisivo

- Na ação retardadora, posições são ocupadas por determinado tempo para obrigar o inimigo a desdobrar seus meios, esclarecer a situação e manobrar para atacar cada posição. A tropa deve retrair para a posição de retardamento seguinte, antes de tornar-se

decisivamente engajada com o inimigo.

4.3.4.7.3 Processos de Execução da Ação Retardadora

a) A Aç Rtrd pode ser executada em posições sucessivas, posições alternadas ou pela combinação desses processos.

b) Na ação retardadora em posições sucessivas, o esquadrão oferece o máximo de resistência organizada na posição inicial de retardamento (PIR) e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento subsequentes (P2, P3 etc.). Em face das largas frentes que normalmente recebe, esse é o tipo de Aç Rtrd adotado com mais frequência pelo esquadrão, por ser o que lhe permite concentrar o maior poder de combate à frente, em cada posição.

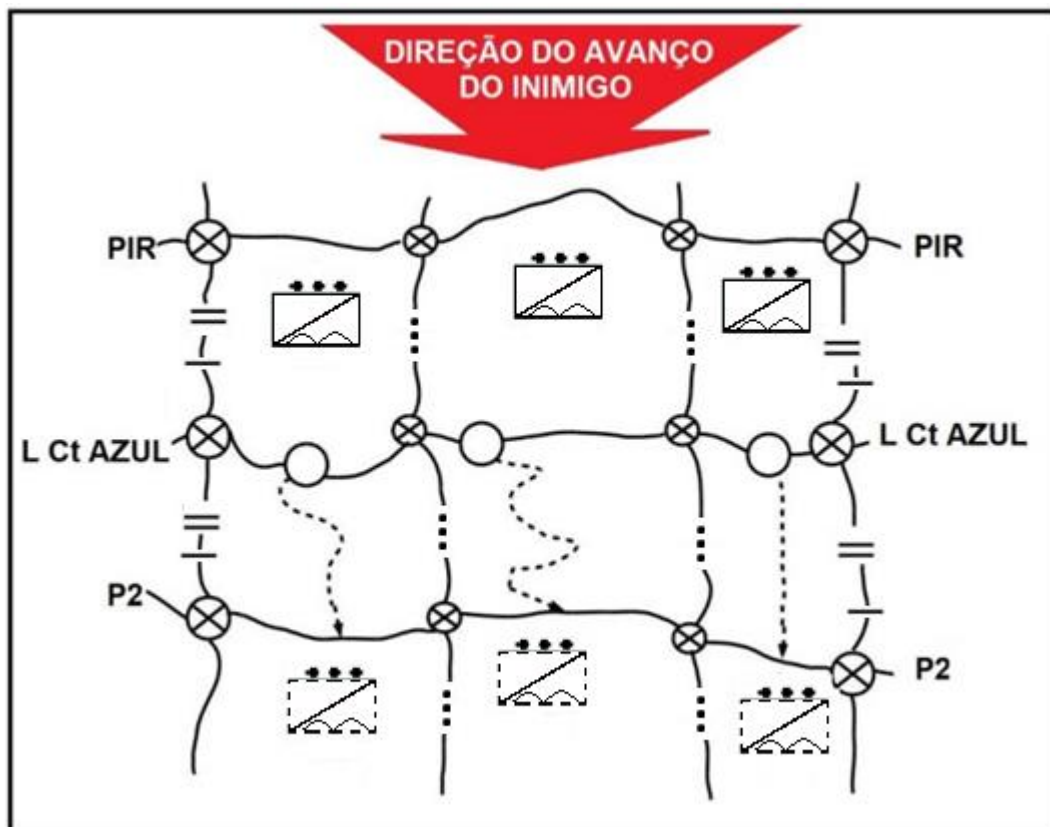


Figura xx – Esqd C Pqdt retardando em posições sucessivas



Fig xx – Esqdt C Pqdt retardando em posições alternadas

c) Na ação retardadora em posições alternadas, o esquadrão é dividido em dois grupamentos: o primeiro deles organiza e ocupa a PIR e conduz uma ação retardadora, enquanto o segundo organiza e ocupa a posição seguinte. O primeiro grupamento, retraindo, é acolhido pelo segundo grupamento e retira-se para a posição posterior. Assim, esse procedimento é repetido até o final da missão. O grupamento à retaguarda cumpre a finalidade de uma força de proteção para o grupamento à sua frente. Esse tipo de ação retardadora tem a vantagem de proporcionar mais tempo para a preparação das posições, para a manutenção do material e para o descanso dos homens. Entretanto, como desvantagem, exige a repartição das forças, reduzindo, portanto, o poder de combate disponível para o retardamento em cada posição.

4.3.4.7.4 Planejamento

4.3.4.7.4.1 Por ser o planejamento da ação retardadora centralizado, o esquadrão pode receber diretrizes pormenorizadas do escalão superior.

4.3.4.7.4.3 As ordens dadas ao esquadrão, devem especificar, pelo menos:

- a) organização para o combate;
- b) localização geral da PIR;
- c) zonas de ação;
- d) prazos a ganhar durante a operação;
- e) pontos de ligação entre as forças de manobra;

- f) ações em final de missão; e
- g) limitações impostas à operação.

4.3.4.7.4.4 Em uma Aç Rtrd, o Esqd C Pqdt é dividido, sempre que possível, em dois escalões: a força retardadora e a reserva.

4.3.4.7.4.5 O prazo a ganhar no decurso da missão é considerado entre a PIR e a última posição. Esse prazo total deve ser repartido pelas posições de retardamento escolhidas, observando-se a compatibilidade dessas posições para ganhar o respectivo prazo e procurando-se ganhar o prazo o mais à frente possível. Para efeito do planejamento, o prazo a ganhar é sempre computado nas posições de retardamento principais. O tempo ganho no retardamento entre as posições é circunstancial e não é somado durante o planejamento inicial, entretanto, pode ser considerado para apoiar a tomada de decisões de conduta.

4.3.4.7.4.6 O comandante do esquadrão não necessita atribuir itinerários de retraimento para seus elementos subordinados em suas respectivas zonas de ação, porém necessariamente deverá atribuí-los dentro da Z Aç da reserva desdobrada como força de proteção. Se houver itinerários disponíveis, deverá atribuir um para cada elemento subordinado, a fim de coordenar e facilitar o movimento; em caso de deficiência de itinerários, poderá haver itinerários comuns, devendo-se, para isso, estabelecer pontos de controle nos pontos de confluência e prioridades de passagem.

4.3.4.7.4.7 O Cmt deve exercer controle e supervisão rigorosos sobre o retardamento, de modo a garantir que o retraimento, na Z Aç de cada Pel, só se dê no horário autorizado. O que determina o retraimento da P Rtrd é a ordem do Esc Sp e não o simples cumprimento do prazo estabelecido para a posição.

4.3.4.7.4.8 Se o retardamento incluir o acolhimento por forças amigas, deve haver cuidadosa coordenação com elas. Os planos de acolhimento incluem prescrições sobre o fornecimento de guias por parte da unidade que acolherá, horários, sinais de reconhecimento, linha de acolhimento, pontos de ligação principais e alternativos, itinerários de retraimento, pontos de passagem e demais medidas de coordenação e controle que se tornarem necessárias.

4.3.4.7.5 Escolha das Posições de Retardamento

4.3.4.7.5.1 O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve oferecer uma ou mais das características abaixo indicadas, as quais permitem infligir grande número de perdas ao inimigo, além de retardar ao máximo a sua ação:

- a) linha de alturas perpendiculares à direção de atuação do inimigo;
- b) obstáculos à frente e nos flancos, preferencialmente rios obstáculos;
- c) elevações que permitam boas condições de observação e campos de tiro;
- d) itinerários desenhados para os deslocamentos (retraimentos e roçadas); e
- e) boa rede de estradas e condições de transitabilidade através campo.

4.3.4.7.5.2 O Cmt Esqd, ao elaborar seu esquema de manobra, pode selecionar e propor ao Esc Sp a adoção de novas P Rtrd, para melhor repartir o prazo a ganhar.

4.3.4.7.5.3 Devem ser previstas L Ct entre as P Rtrd, para a coordenação e controle do movimento. Essas linhas podem ser transformadas, em caso de necessidade, em P Rtrd alternativas e, por isso, devem, sempre que possível, ser selecionadas em terreno favorável ao retardamento. Deve ser levantada ao menos uma L Ct intermediária entre P Rtrd sucessivas.

4.3.4.7.5.4 As P Rtrd devem ser suficientemente afastadas para obrigar o inimigo, a cada posição encontrada, a se reorganizar e aproximar a Art Cmp para montar um novo ataque. Entretanto, não devem ser tão afastadas que lhe permitam ganhar um espaço extenso em pouco tempo, por falta de ações de retardamento.

4.3.4.7.6 Organização do Terreno e Limites

4.3.4.7.6.1 A P Rtrd é organizada em largura e com pequena profundidade. Os pelotões ocupam posições de bloqueio, da mesma maneira que nas operações de segurança. Obstáculos naturais são agravados e obstáculos artificiais são construídos dentro das limitações do material disponível, do tempo e da mão de obra.

4.3.4.7.6.2 No planejamento da Aç Rtrd, os limites entre os Pel são estabelecidos em função dos seguintes fatores:

- a) largura da Z Aç;
- b) áreas consideradas passivas;
- c) frentes consideradas secundárias;
- d) número de Via A para o inimigo, que incidem nas posições de retardamento;
- e) prosseguimento das vias de acesso no interior da nossa Z Aç;
- f) obstáculos; e
- g) diretrizes do Esc Sp.

4.3.4.7.6.3 No planejamento inicial, os limites das Z Aç na PIR são definidos por linhas contínuas até o limite de retaguarda dos Pel de 1º Esc. A partir daí, são definidos por linhas descontínuas, pelas várias possibilidades de atuação do Ini na frente e nos flancos da U, em face da extensa frente e profundidade da Z Aç, o que ocasiona frequentes reformulações no planejamento.

4.3.4.7.6.4 Os limites devem se estender por toda a profundidade da Z Aç, quando a unidade não possuir uma reserva constituída ou hipotecada e não houver a presença da reserva do Esc Sp em sua Z Aç. Caso haja reserva, os limites estender-se-ão até as linhas de controle intermediárias e, após elas, serão levantados itinerários de retraimento até as posições subsequentes.

4.3.4.7.7 Dispositivo do Esqd

a) O Cmt Esqd define as Via A de mais provável emprego pelo Ini e as reparte entre as Z Aç dos Pel, tendo o cuidado de ajustar o poder de combate de cada elemento subordinado, considerando o valor do inimigo esperado, a importância e a profundidade da Via A. Cada Via A e o terreno que a domina são atribuídos a um mesmo elemento de manobra e cada Z Aç de Pel deverá incluir, sempre que possível, um itinerário de retraimento através de estrada, ainda que com pequenos trechos de interligação através do campo, em terreno firme.

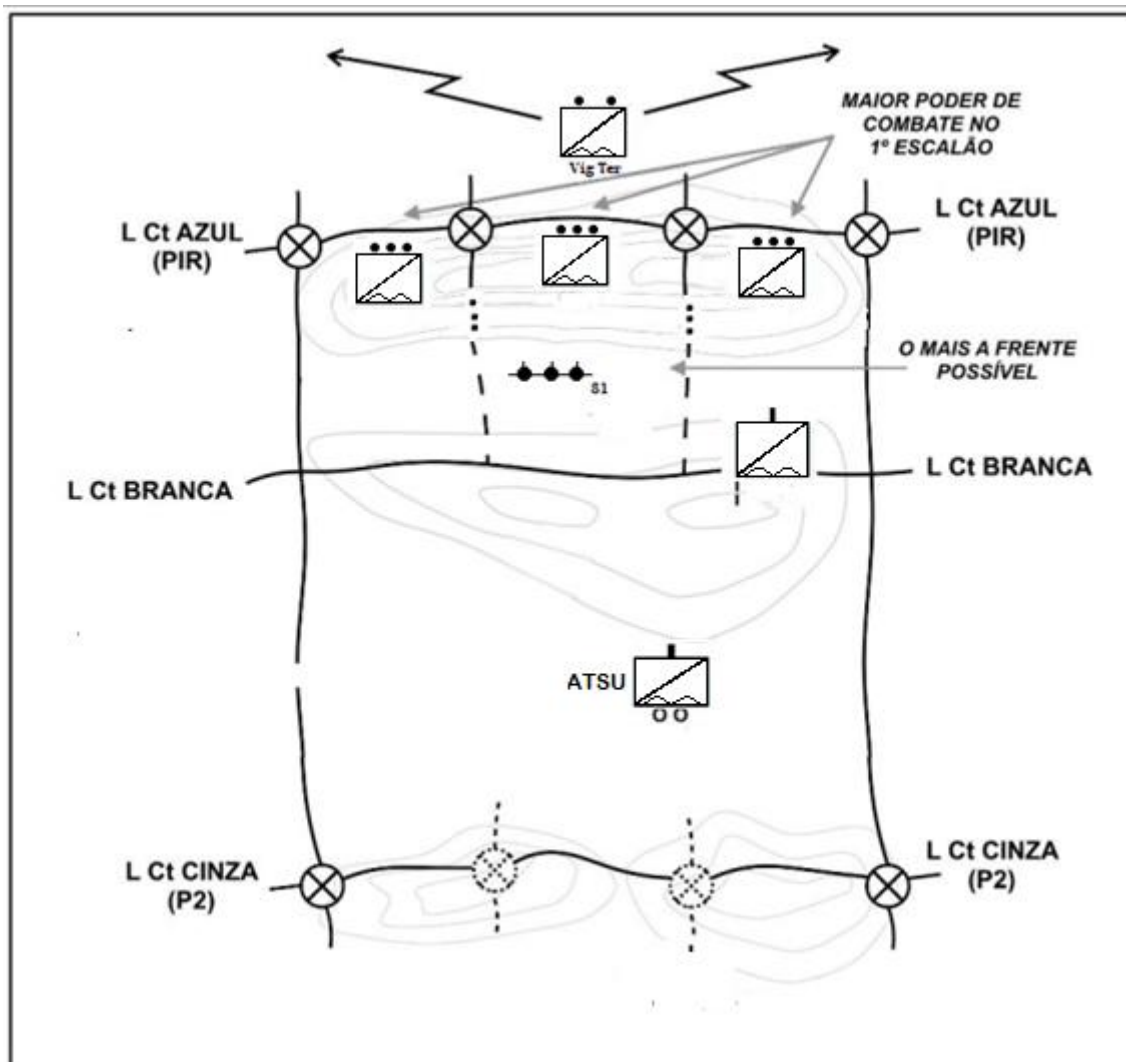


Fig xx – Dispositivo do Esqd C Pqdt na ação retardadora

b) Se o esquadrão possuir uma reserva constituída, ela deve estar localizada, inicialmente, em Z Reu à retaguarda da L Ct intermediária, eixada com a Z Aç principal e próxima a roçadas que possibilitem o seu emprego nas demais frentes. Caso essa última condição não possa ser atingida, a reserva poderá ser articulada ou fracionada.

c) A reserva deverá estar em condições de cumprir as três missões básicas: contra-atacar e reforçar, particularmente na Z Aç principal, e atuar como força de proteção, desdobrando-se na linha de controle intermediária, particularmente em face das Via A mais pressionadas.

d) O PCP, sempre que possível, deve estar localizado mais à retaguarda, a fim de evitar frequentes deslocamentos e interferência com as ações dos elementos de combate. Sua localização deve proporcionar condições para as ligações com os elementos subordinados, vizinhos e com o Esc Sp e estar próxima de estradas, as quais lhe facilitarão futuros deslocamentos. O PCT deve ser desdobrado bem à frente, junto aos elementos engajados, para que o Cmt possa controlar e intervir nas ações. O PC retrai, normalmente, ao final da 1ª fase do retraimento.

e) Os trens, após prestarem o apoio necessário junto à PIR, são deslocados para a retaguarda da posição de retardamento seguinte, para um local de onde possam apoiar eficientemente a operação de retraimento, o deslocamento e a ocupação da nova P Rtrd. A ocasião mais oportuna para o deslocamento dos trens é determinada pelo S-4 ou seu representante

4.3.4.7.8 Organização para o Combate

4.3.4.7.8.1 A organização dos Pel para o combate baseia-se no estudo dos fatores da decisão e no recebimento ou não de elementos em reforço.

4.3.4.7.8.2 A Seç Mrt, normalmente, é formada e mantida sob o controle do Cmt Esqd, para atuar em proveito de toda a tropa. No cumprimento de sua missão, a seção assume posição de onde possa melhor apoiar os Pel de primeiro escalão, quer seja suplementando zonas de ação não contempladas pela artilharia em apoio, quer seja reforçando particularmente o Pel da zona de ação principal.

4.3.4.7.9 Segurança na Ação Retardadora

a) Durante a Aç Rtrd, o inimigo fará o máximo esforço para desbordar a P Rtrd, por isso, o Cmt Esqd deve estar particularmente atento à situação em seus flancos e entre seus elementos de manobra. Um cuidadoso reconhecimento do terreno indicará as Via A mais favoráveis para o inimigo desbordar a P Rtrd.

b) A vigilância contínua é uma das melhores maneiras de proporcionar segurança e evita que a tropa seja surpreendido pela presença Ini na P Rtrd. Se os elementos da força retardadora não estiverem em contato com o inimigo, devem ser tomadas precauções para se evitar a surpresa e para que o alerta da aproximação do inimigo seja dado o mais cedo possível.

c) P Obs, patrulhas e as ARP e RVT da SVTO são empregados à frente das P Rtrd. Aeronaves, quando disponíveis, também são empregadas para ampliar a capacidade do Esqd. Os itinerários que conduzem das posições aos P Obs devem ser escolhidos cuidadosamente, a fim de evitar sua observação pelo inimigo.

d) A segurança de flanco é proporcionada pela observação em todas as direções, estabelecimento de patrulhas e ligação com as unidades vizinhas.

4.3.4.7.10 Ocupação de uma Posição de Retardamento

4.3.4.7.10.1 A ocupação de uma P Rtrd é planejada e conduzida de acordo com os princípios e fundamentos das ações da defesa. Entretanto, o Cmt dá maior ênfase ao engajamento do inimigo no alcance eficaz de seu armamento de tiro direto e na disposição de sua força no terreno de modo que possa executar o retraimento planejado para a próxima posição de retardamento.

4.3.4.7.10.2 Os fatores básicos a serem considerados para a ocupação de uma posição de retardamento incluem:

- a) posições de tiro principais;
- b) posições de muda;
- c) posições suplementares;
- d) observação;
- e) campos de tiro longínquos;
- f) cobertas e abrigos;
- g) preparação de roteiros de tiro;
- h) segurança (incluindo postos de observação e patrulhas);
- i) coordenação com outros elementos, incluindo Ap F e engenharia;
- j) itinerários de retraimento; e
- k) existência de obstáculos.

4.3.4.7.10.3 A preparação da posição prossegue enquanto o inimigo não for engajado. Deve ser feito o máximo emprego das armas coletivas e as posições de tiro, normalmente, localizam-se próximas à crista topográfica das elevações, de modo a obter extensos campos de tiro. Deve-se observar também o fácil acesso dessas posições aos itinerários de retraimento abrigados.

4.3.4.7.10.4 As metralhadoras das VB dos Fuz podem ser desdobradas no terreno sobre os seus reparos terrestres, caso não possam ser empregadas embarcadas e não comprometam a presteza do retraimento. Todas as metralhadoras são integradas no plano de fogos das SU.

4.3.4.7.10.5 As viaturas não empregadas no retardamento são colocadas em local coberto e abrigado à retaguarda da posição. As viaturas PC, de manutenção e de saúde são, normalmente, colocadas à retaguarda da posição de retardamento posterior, para assegurar apoio contínuo durante o período crítico do retraimento da posição.

4.3.4.7.11 Conduta da Ação Retardadora

4.3.4.7.11.1 Tão logo o inimigo entre no alcance máximo da artilharia e dos morteiros, os fogos são desencadeados. Ao cerrar sobre a posição, o inimigo é colocado sob o máximo volume de fogos de todas as armas da força retardadora, de modo a obrigá-lo a desdobrar-

se, executar reconhecimentos e outras manobras que consumirão tempo. Os fogos diretos devem bater os acidentes capitais e as Via A, dentro de seu alcance útil.

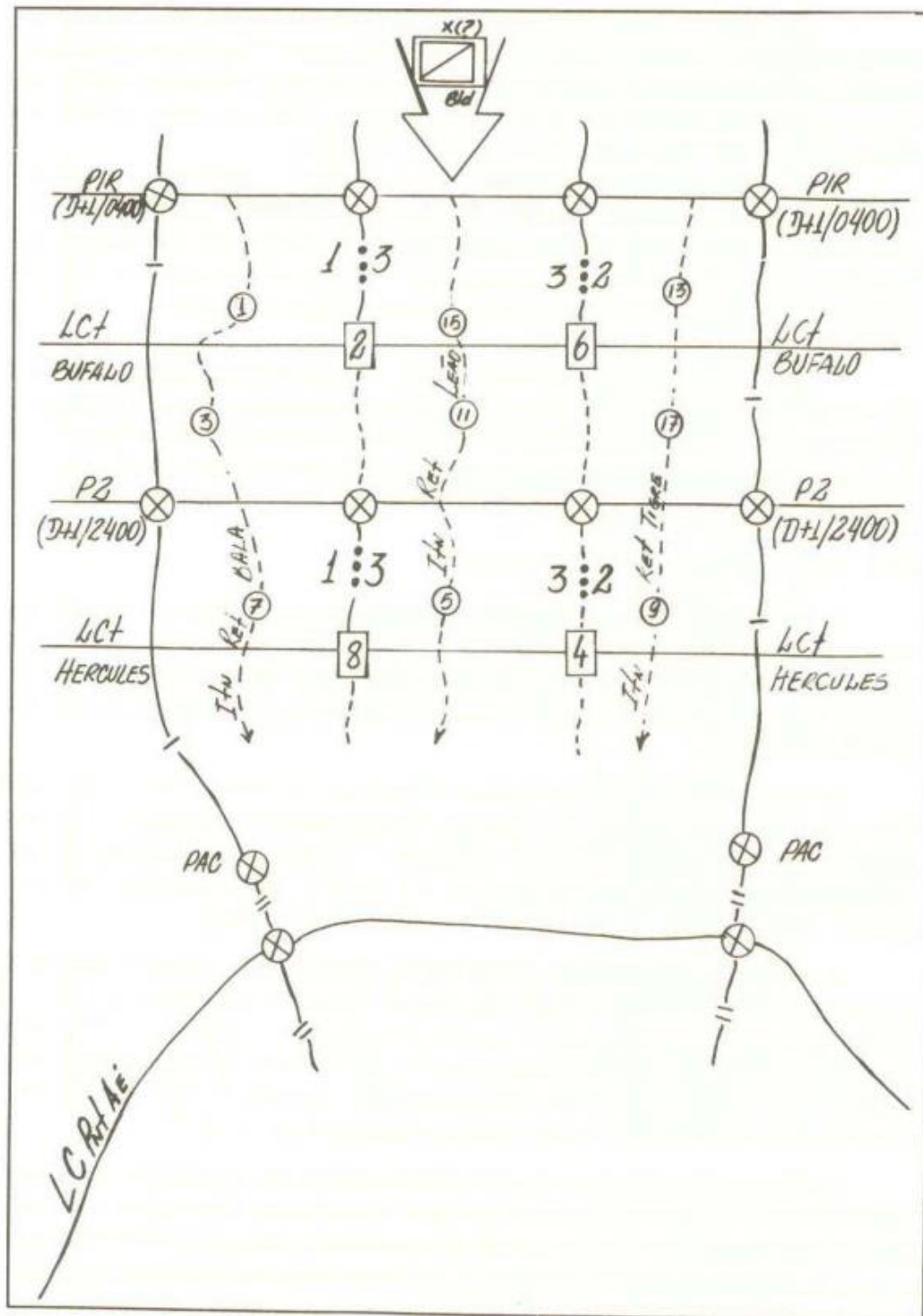


Fig xx – Dispositivo do Esqd C Pqdt na ação retardadora

4.3.4.7.11.2 O êxito da missão de retardamento depende, em grande parte, de uma judiciosa distribuição do tempo a ganhar. Essa distribuição do tempo resulta de um minucioso reconhecimento, de segurança apropriada e oportunos informes de combate. O escalão imediatamente superior deverá ser mantido informado da situação da força, de modo que seja assegurado o recebimento da ordem de retraimento, antes que a força torne-se decisivamente engajada. As frações não retraem sem autorização do Cmt Esqd.

4.3.4.7.11.3 Ao receber a ordem para iniciar o retraimento de uma posição, o esquadrão

executa um retardamento contínuo até a próxima P Rtrd ou até uma linha de acolhimento, ao retrair da última posição. Embora os pelotões tenham considerável liberdade de manobra dentro de suas Z Aç, o Cmt Esqd coordena seus movimentos, de modo que um Pel não seja colocada em perigo como consequência de um retraimento demasiadamente rápido de uma Pel vizinho. Todo o terreno favorável deve ser aproveitado para infligir o máximo de danos ao inimigo e retardá-lo o maior tempo possível. Caso não haja uma força de proteção atuando como retaguarda do Esqd, os elementos que já estiverem na P Rtrd seguinte, à aproximação do grosso, tomam o inimigo sob seus fogos, realizando tiros sobre a tropa amiga. Quando acolhidos na P Rtrd, os elementos do grosso reorganizam a constituição dos Pel e passam a retardar nessa posição durante o prazo previsto.

4.3.4.7.11.4 Dada a desproporção de forças entre a tropa inimiga que avança e a força de retardamento, o combate deve ser travado à distância. O combate aproximado deve ser evitado, sendo empregado somente quando for absolutamente necessário.

4.3.4.7.11.5 A reserva da unidade é empregada para contra-atacar, para desengajar um elemento que se tornou decisivamente engajado, para eliminar uma penetração inimiga, bloquear uma ameaça à frente ou nos flancos, cobrir o retraimento dos elementos da força retardadora ou para reforçar um ou mais elementos dela. Quando um C Atq for executado para cooperar no retraimento de uma força decisivamente engajada, a ação consiste em um golpe contra um flanco do inimigo, justamente à retaguarda de seus elementos mais avançados. Essa operação não deverá ter um objetivo no terreno.

4.3.4.7.11.6 O comando, o controle e o horário para o desencadeamento do C Atq são fatores particularmente críticos. O comandante deve exercer cuidadosa vigilância, de modo a evitar que sua unidade venha a se tornar tão engajada com o inimigo que não possa romper o contato. C Atq para restabelecimento da posição são realizados visando à conquista de objetivos limitados e são apoiados por artilharia, morteiros e elementos da força retardadora. Do mesmo modo, os Pel poderão executar C Atq pelas mesmas razões, mas em escala mais limitada.

4.3.4.8 RETRAIMENTO

4.3.4.8.1 Considerações Gerais

4.3.4.8.1.1 O Esqd, em uma operação de retraimento, executa um movimento para longe do inimigo para preservar ou recuperar a liberdade de ação, cumprindo missão no quadro da manobra do escalão superior.

4.3.4.8.1.2 O Rtr poderá ser diurno ou noturno e executado com ou sem pressão do inimigo. Os retraimentos sem pressão do inimigo são vantajosos em relação aos executados sob pressão.

4.3.4.8.1.3 O planejamento de um Rtr deve incluir planos alternativos para os elementos subordinados, destinados particularmente ao atendimento de situações em que um retraimento sem pressão passa a sofrer pressão do inimigo.

4.3.4.8.1.4 Os planos e ordens para um retraimento devem ser pormenorizados e tão logo o conceito da operação seja formulado, o Cmt emite uma ordem preparatória com os

pormenores necessários para que os comandos subordinados possam realizar reconhecimentos e planejamentos durante o dia.

4.3.4.8.1.5 A execução de um C Atq de objetivos limitados pode facilitar o Rtr.

4.3.4.8.1.6 Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga (fumígenos, por exemplo) devem ser utilizados, particularmente quando houver perda do sigilo da operação.

4.3.4.8.1.7 O Rtr diurno deve ser evitado, sempre que possível, para fugir aos fogos observados do inimigo e à atuação de sua F Ae, ambos capazes de causar pesadas baixas ou provocar a perda da liberdade de manobra. Quando o Rtr diurno for imperioso, cresce a importância do emprego de fogos de artilharia, fumígenos e apoio aerotático.

4.3.4.8.1.8 Em qualquer retraimento, o contato pelo fogo e visual com o inimigo deve ser mantido, para proporcionar dissimulação e segurança e contribuir para evitar que ele avance muito rapidamente. Uma força de segurança pode ser empregada para assegurar que as tropas em contato possam retrair sem que o inimigo cerre rapidamente sobre elas. Quando na reserva da Bda, o esquadrão paraquedista pode ser empregado como F Seg dela, apoiando o retraimento do grosso.

4.3.4.8.2 Retraimento sem Pressão do Inimigo

4.3.4.8.2.1 Sempre que possível, deve-se executar o Rtr sem pressão do inimigo e à noite. Isso é vantajoso porque o Cmt conserva a iniciativa e pode escolher o momento para iniciar o movimento. A dissimulação é facilitada e a eficiência dos fogos inimigos observados é reduzida, com a força que retrai se beneficiando ao máximo das condições precárias de visibilidade. O sucesso de um retraimento sem pressão do inimigo depende, particularmente, da dissimulação.

4.3.4.8.2.2 Tão logo o conceito da operação seja formulado, o Cmt emite uma ordem preparatória com os pormenores necessários para que os comandos subordinados possam realizar seus reconhecimentos e planejamentos durante o dia.

4.3.4.8.2.3 É normal a hora do retraimento ser determinada pelo Esc Sp. O início do retraimento noturno deve ser previsto de maneira que o movimento seja completado ainda antes do amanhecer e ruído dos motores das viaturas deve ser abafado pela execução de fogos sobre o inimigo.

4.3.4.8.2.4 O Esqd C Pqdt destaca parte de suas forças, inclusive elementos da Res e de Ap, para permanecer em contato com o Ini. Esse é o destacamento de contato (Dst Ctt), que proporciona segurança, protegendo o Rtr do grosso.

4.3.4.8.2.5 O Dst Ctt tem por missões:

- a) manter a fisionomia da frente (comunicações, fogos e outras atividades);
- b) retardar e iludir o inimigo, para evitar sua interferência durante o Rtr; e
- c) ficar em condições de atuar como retaguarda do grosso da força.

4.3.4.8.2.6 O Dst Ctt do esquadrão deve ter um comando único, normalmente do

Sub Cmt da subunidade. O Cmt Dst Ctt deve controlar a operação e manter a fisionomia da frente, sustentando um tráfego de mensagens semelhante ao da unidade, de forma a simular que este permanece ocupando toda a posição, com todo o seu efetivo.

4.3.4.8.2.7 O Retraimento sem pressão, em geral, é executado em três fases:

a) Em uma 1ª fase, os elementos não imprescindíveis, como AT e viaturas do PCP (exceto o Gp Cmdo), retraem por infiltração, evitando um congestionamento nos eixos rodoviários, quando o grosso da unidade retrair.

b) Em uma 2ª fase, ocorre o retraimento simultâneo dos Pel empregados em primeiro escalão, exceto o Dst Ctt. As frações devem retrair discretamente, por ltn Rtr já reconhecidos, até uma Z Reu previamente selecionada onde é formada a coluna de marcha da unidade. Essa Z Reu deve ser ocupada pelo menor tempo possível e poderá não ser usada por todos os elementos do Esqd, em função de suas missões futuras e dos diferentes ltn Rtr. Após formada a coluna de marcha, a operação passa a empregar as TTP da retirada. Após o retraimento dos elementos de 1º escalão, o Dst Ctt assume a responsabilidade por toda a Z Aç.

c) Na 3ª fase, ocorre o retraimento do Dst Ctt, que deve ser iniciado a tempo de não permitir que o movimento seja executado sob pressão do inimigo.

4.3.4.8.2.8 Ao iniciar seu Rtr, o Dst Ctt atua como retaguarda do grosso que retrai, mantendo o contato com o inimigo e combatendo, se necessário, até ser acolhido pelo próprio grosso ou pelo Esc Sp.

4.3.4.8.2.9 Se o Rtr for descoberto pelo inimigo, o Esqd passa a executá-lo, a partir desse momento, utilizando as técnicas de um retraimento sob pressão. Para isso, todos os comandos subordinados devem ter conhecimento dos planos alternativos e da intenção do Cmt.

4.3.4.8.2.10 O Esqd, quando constituindo a reserva de um Esc Sp que executa um retraimento sem pressão, também deixa cerca de um terço de seu efetivo em posição, para simular atividades normais de uma reserva e apoiar o retraimento dos Dst Ctt dos elementos em primeiro escalão.

4.3.4.8.3 Retraimento sob Pressão do Inimigo

4.3.4.8.3.1 No retraimento sob pressão do inimigo, os elementos do esquadrão retraem simultaneamente, combatendo e utilizando as TTP de retardamento. Um alto grau de coordenação e criteriosa utilização do terreno e obstáculos são essenciais ao sucesso da operação.

4.3.4.8.3.2 O movimento inicia-se, efetivamente, após uma ordem tipo código enviada por rádio. A documentação concernente é confeccionada posteriormente, caso já não constasse de um plano alternativo.

4.3.4.8.3.3 Para decidir se constituirá ou não F Ptç, o Cmt deverá considerar:

a) se dispõe de forças suficientes para constituir a força de proteção;

b) se dispõe de tempo suficiente para desdobrar essa força;

- c) se o terreno é favorável;
- d) se o Esc Sp já lançou uma força de segurança própria;
- e) as possibilidades do Ini; e
- f) a duração da missão.

4.3.4.8.3.4 Após o acolhimento pela F Ptç (se for o caso), o grosso do Esqd C Pqdt forma as colunas de marcha, por Pel, em geral sem designação de Z Reu e desloca-se para a retaguarda, empregando as TTP da retirada.

4.3.4.8.3.5 Quando não for possível realizar um retraimento simultâneo de toda a frente do esquadrão, o comando deve determinar a ordem de retraimento. Normalmente, os elementos menos engajados retrairão em primeiro lugar, observando-se intervalos curtos de tempo entre os elementos que retraem, de modo a se evitar a longa exposição de um flanco dentro do dispositivo. De qualquer maneira, a sequência prevista para o retraimento deverá ter em vista preservar a integridade da unidade e o melhor cumprimento da missão.

4.3.4.8.3.6 A F Ptç assegura o movimento dos elementos avançados que retraem, sem deixar elementos em contato. A estreita coordenação entre essas forças é um fator crítico na execução desse tipo de retraimento.

4.3.4.8.3.7 São missões da F Ptç, no retraimento:

- a) proteger o retraimento dos elementos do esquadrão que estejam engajados;
- b) retardar o inimigo e evitar a sua interferência no retraimento do grosso; e
- c) ficar em condições de atuar como retaguarda da força principal.

4.3.4.8.3.8 Condições adversas nesse tipo de retraimento, acarretam aumento nas baixas, por isso, é preferível realizá-lo à noite ou sob condições de limitada visibilidade. Um forte dispositivo de retardamento e um eficaz apoio de fogo podem permitir adiar o retraimento até que as condições de visibilidade favoreçam sua execução.

4.3.4.8.3.9 Para assegurar a rapidez do retraimento, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, o que evita o congestionamento dos eixos rodoviários quando o grosso da unidade retrair.

4.3.4.8.3.10 O Rtr sob pressão do inimigo pode ser realizado em três ou em duas fases, dependendo da existência ou não de uma força de proteção constituída pelo Esqd:

- a) 1ª fase – retraimento da AT e do PCP (menos o Gp Cmdo);
- b) 2ª fase – retraimento dos Elm de primeiro escalão e do grupo de comando, iniciado pelos menos engajados até o acolhimento pela F Ptç (se houver) ou até a nova P Rtrd; e
- c) 3ª fase – caso haja uma F Ptç, ela retrai nesta fase, utilizando TTP de retardamento, após ter acolhido os elementos de primeiro escalão.

4.3.4.9 RETIRADA

4.3.4.9.1 Considerações Gerais

4.3.4.9.1.1 A retirada pode ser realizada com as seguintes finalidades:

- a) ampliar a distância entre o inimigo e a força amiga;
- b) reduzir a distância de apoio entre forças amigas;
- c) assegurar um terreno mais favorável;
- d) adaptar-se a um reajustamento de dispositivo do Esc Sp; e
- e) permitir o emprego da força em outro local.

4.3.4.9.2 Execução da Retirada

4.3.4.9.2.1 Quando a Ret é precedida de um Rtr, as forças em contato (Dst Ctt ou F Ptç) proveem a segurança à retaguarda.

4.3.4.9.2.2 Na Ret, o Esqd C Pqdt organiza-se de modo inverso ao da M Cmb. São designados itinerários e objetivos de marcha ou posições à retaguarda, para os elementos que marcham com o grosso. O controle deve ser descentralizado no estágio inicial da retirada, passando gradativamente à centralização, à medida que aumenta a distância do inimigo.

4.3.5 OUTRAS AÇÕES TÁTICAS E TÉCNICAS DEFENSIVAS

4.3.5.1 Ações Dinâmicas da Defesa

4.3.5.1.1 São ações ofensivas no contexto de uma operação defensiva, com a finalidade de dificultar a preparação do ataque do inimigo, prejudicando a concentração do seu poder de combate nas posições de ataque, destruindo suas forças de reconhecimento, isolando unidades, desorganizando seus sistemas e formações em profundidade.

4.3.5.1.2 As forças defensivas devem se manter alertas para aproveitar todas as oportunidades de retomar a iniciativa e destruir o inimigo. Patrulhamentos agressivos, incursões e, principalmente, contra-ataques apoiados por fogos e pela guerra eletrônica são normalmente a melhor maneira de manter o espírito ofensivo na defensiva.

4.3.5.1.3 O Esqd C Pqdt poderá realizar as ações dinâmicas da defesa de contra-ataque. Os contra-ataques são classificados em:

- a) para o reestabelecimento da posição;
- b) de desaferamento;
- c) de desorganização; e
- d) de destruição.

4.3.5.1.4 É necessário que o Esqd C Pqdt elabore planos de contra-ataque para todas as possíveis VA do inimigo, priorizando as mais factíveis à penetração.

4.3.5.1.5 Após o contra-ataque, caso não receba a missão de reestabelecer a posição de um núcleo que submergiu, a reserva retrai para a Z Reu, a fim de reorganizar-se,

retornando à sua condição anterior.

4.3.5.1.6 Durante os contra-ataques, Esqd C Pqdt deverá contar com Prio dos apoios. O apoio da engenharia da Bda, do escalão superior ou da tropa nas posições da ADA será fundamental no cruzamento das zonas de obstáculos e no balizamento dos campos de minas amigos.

4.3.5.1.7 Contra-ataque de Desorganização

4.3.5.1.7.1 C Atq de desorganização é uma ação ofensiva lançada para comprometer um ataque inimigo em fase de montagem ou de reunião de meios. É dirigido a um objetivo limitado, à frente do LAADA.

4.3.5.1.7.2 O C Atq de desorganização pode ser executado com uma das seguintes finalidades:

- a) destruir uma parte da força inimiga;
- b) desorganizar o dispositivo inimigo e retardá-lo; e
- c) impedir a observação terrestre direta do inimigo sobre a área de defesa.

4.3.5.1.7.3 O sucesso de um C Atq de desorganização depende de grande mobilidade e apoio de fogo. A decisão de executar um C Atq de desorganização deve ser cuidadosamente considerada, em função da possibilidade de perda de parcela do poder de combate, o que pode comprometer o cumprimento de sua missão principal. O planejamento e a ordem de execução de um C Atq de desorganização é da competência da Bda ou Esc Sp.

4.3.5.1.8 Contra-ataque para Restabelecimento da ADA

4.3.5.1.8.1 Considerações Gerais

- a) A finalidade do C Atq na defesa de área é restabelecer o LAADA pela destruição ou expulsão dos elementos inimigos que tenham penetrado em uma determinada parte da ADA.
- b) O C Atq deve ser apoiado por todas as armas disponíveis. As armas anti-carro participam ou apoiam o contra-ataque, dependendo das condições do terreno e do inimigo.
- c) O inimigo expulso de uma penetração não deve ser perseguido além do LAADA, exceto pelo fogo.

4.3.5.1.8.2 Considerações Relativas ao Planejamento

- a) O Cmt conduz um estudo de situação continuado para determinar a oportunidade de execução do C Atq. Para tanto, inicialmente, deve avaliar se a penetração inimiga é apenas parte de um ataque de maior vulto, o qual deverá ser detido pelo emprego de todos os meios da SU ou se é um ataque a ser barrado pelos elementos de primeiro escalão.

b) Da mesma forma que o insucesso de um C Atq pode desequilibrar a defesa e criar o risco de ser batida por partes, o retardamento na sua execução poderá permitir que o inimigo se reorganize e mantenha a iniciativa.

c) Todas as considerações relativas a um Atq aplicam-se ao contra-ataque, com maior ênfase, no entanto na determinação da hora de desencadeamento. O C Atq deverá ser desencadeado quando o inimigo estiver mais vulnerável e de modo a impedi-lo de retomar a progressão ou receber reforços.

d) Para lançar um C Atq é desejável que o inimigo esteja detido ou que tenha sua impulsão diminuída, entretanto essa condição não é um requisito impositivo. A largura e profundidade da penetração, bem como a velocidade de progressão, a direção do ataque inimigo e o seu valor no interior da penetração devem ser considerados, a fim de que o comandante possa decidir pela sua execução.

e) Na determinação do poder de combate da força de C Atq, deve-se considerar que o inimigo do interior da penetração está desgastado, em reorganização e submetido aos fogos dos elementos que estão limitando a penetração.

f) O valor desejável para a Força de C Atq é idêntico ao do inimigo no interior da penetração. O valor mínimo é igual aos dos núcleos submergidos, o que permite a reocupação da área, entretanto o emprego de uma força com esse valor mínimo deverá ser evitado, sempre que possível.

g) O C Atq, que deve ser rápido e violento, empregando todos os meios necessários para assegurar o sucesso, assim, o emprego parcelado da reserva poderá comprometer o sucesso da ação.

h) A direção de C Atq deve ser imposta pelo Cmdo Rgt e estabelecida de maneira a tirar a máxima vantagem do terreno e das vulnerabilidades do inimigo.

i) A Res deve ser capaz de executar C Atq à noite, razão pela qual o conhecimento do terreno, o planejamento cuidadoso e os treinamentos ganham importância. No C Atq noturno deve ser dada especial atenção às medidas de identificação das tropas amigas, à designação de objetivos nítidos e à coordenação entre os elementos de manobra e entre esses e os núcleos de defesa.

4.3.5.1.8.3 Planejamento do C Atq

a) Os planos de C Atq são preparados com os demais planos de defesa e visam a fazer face às possíveis penetrações na ADA. Eles devem considerar:

- a provável zona de penetração do inimigo;
- se o Ini no interior da penetração está detido ou perdendo a impulsão; e
- a localização e disponibilidade da reserva.

b) No escalão U, o C Atq é, basicamente, um ataque limitado com a finalidade de restabelecer a ADA, destruindo ou expulsando o inimigo do interior da Pntr.

c) A Res, normalmente, constitui a força de manobra, porém o plano de C Atq inclui nessa força outros elementos orgânicos, em reforço ou em apoio ao Esqd. A força de manobra é apoiada pelas armas de apoio orgânicas, inclusive as armas dos pelotões de primeiro

escalão, quando possível.

d) Para a elaboração dos planos de C Atq, o comandante estabelece uma prioridade baseada na possibilidade ou na ameaça da perda de uma região decisiva da ADA. Os planos de C Atq são preparados com o conhecimento antecipado de que, frequentemente, terão que ser adaptados a circunstâncias diferentes das consideradas na fase de planejamento.

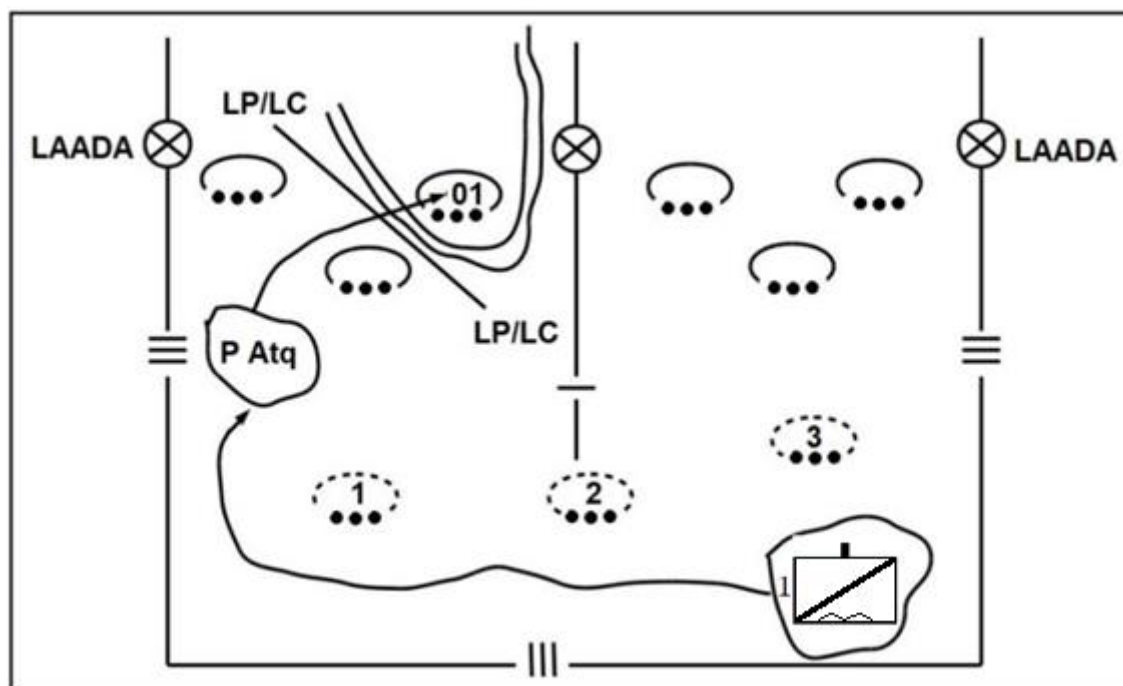


Figura xx – Plano de contra-ataque, esquema de manobra

e) O planejamento da execução do C Atq (dispositivo, manobra, missão aos elementos subordinados *etc.*) é elaborado pelo comandante da reserva, em coordenação com o comando do esquadrão e os comandantes dos elementos de apoio. Os planos de C Atq devem ser ensaiados tanto de dia quanto à noite, na medida em que o tempo disponível e a segurança permitirem. Entretanto, pelo menos o reconhecimento e um ensaio dos comandos subordinados é indispensável.

f) O plano de C Atq deve dar especial atenção às seguintes considerações:

- Prováveis penetrações inimigas - o Cmt estima a largura e a profundidade da PMA, a qual deve ser capaz de eliminar por meio de um C Atq. Considera as perdas de terreno e de elementos de combate em relação ao valor provável do inimigo no interior da penetração, visualizando o valor remanescente do esquadrão e suas possibilidades de intervir na ação.

- Composição da força de manobra - na execução do C Atq o Cmt emprega todos os meios disponíveis em uma única e decisiva ação. O emprego parcelado da reserva poderá retardar a decisão ou comprometer a ação.

- Limitação da penetração - os elementos destinados a limitar a penetração inimiga são previstos no planejamento. Aqueles que estiverem situados dentro da Z Aç do elemento

de C Atq, normalmente o reforçam. Se o elemento subordinado, cuja área de defesa sofreu uma penetração, não tiver possibilidade de limitá-la, a reserva da Bda é empregada para deter o inimigo e a responsabilidade pela execução do C Atq transfere-se para o Esc Sp.

- Apoio de fogo - é proporcionado pelas armas orgânicas, em reforço e em apoio ao esquadrão. O elemento de C Atq passa a ter prioridade de fogos.

- Missões de defesa - o Cmt Esqd C Pqdt deve designar o elemento subordinado que assumirá a defesa da área penetrada, após a eliminação da penetração.

- Reserva temporária - deve ser constituída uma reserva temporária durante o emprego da força de C Atq. Essa reserva é formada por qualquer elemento disponível, sendo designado um oficial para organizá-la e coordená-la. A reserva temporária deve ficar em condições de ocupar uma ou mais posições de aprofundamento.

g) Medidas de Coordenação e Controle

- Objetivo - normalmente é um acidente capital, dentro da penetração, cuja conquista seja decisiva para destruir o inimigo e restaurar a ADA do esquadrão.

- Direção de C Atq - selecionada para facilitar a unidade e concentração de esforços, a eficácia dos fogos de apoio, o controle e a segurança. Normalmente, a direção de C Atq é dirigida sobre o flanco da penetração, evitando passar por núcleos amigos.

- Linha de Partida - é planejada, entretanto sua localização poderá ser modificada, posteriormente, para melhor atender à situação no momento da execução do C Atq. Normalmente, a LP é a própria linha de contato.

- Hora de C Atq - Na fase de planejamento, a hora de C Atq não pode ser estabelecida. Entretanto, poderão ser estimados os prazos de que a reserva necessita para iniciar a sua execução, após o recebimento da ordem (tempo de deslocamento, prazo para reunião e desdobramento de meios *etc.*).

- Posição de ataque - é selecionada, porém, só será utilizada se necessária à execução do C Atq, uma vez que a reunião prévia de tropa pode resultar em um retardo desnecessário.

- Itinerários - os itinerários para o deslocamento da reserva para a P Atq são selecionados de modo a serem os mais curtos possíveis, tirando partido das cobertas e abrigos.

- Algumas das medidas de coordenação e controle utilizadas em um ataque normal podem ser aplicadas às ações de contra-ataque: pontos e linhas de controle, limites *etc.* Se necessário, o Cmt pode modificar os limites dos elementos subordinados de modo a facilitar a coordenação e controle, bem como prover suficiente espaço de manobra para o elemento que executará o C Atq.

h) Em todas as fases do planejamento dos C Atq, o Cmt Esqd deve procurar a simplicidade e a flexibilidade, já que as penetrações efetivamente ocorridas durante o combate raramente corresponderão às previstas no planejamento.

4.3.5.1.8.4 Execução do C Atq

a) Apoio de Fogo - todas as armas que possam bater o inimigo no interior da penetração

são empregadas para auxiliar o C Atq. Os fogos são orientados em duas direções:

- sobre o Ini, para destruí-lo ou neutralizá-lo no interior da penetração; e
- imediatamente à frente e na base da penetração, para impedir que o Ini receba reforços.

b) Manobra - enquanto a reserva se desloca para a LP, os fogos de apoio ao C Atq são desencadeados e a reserva temporária ocupa, imediatamente, as posições de aprofundamento designadas de antemão. O escalão de ataque evita o movimento, através das posições ocupadas pelos elementos que limitam a penetração, procurando passar pelos intervalos entre elas.

4.3.5.1.8.5 Conduta após o C Atq

a) Após o C Atq, o Cmt Esqd C Pqdt faz as modificações necessárias no dispositivo defensivo. Determina que as armas coletivas sejam reinstaladas na posição e designa os elementos que devem guarnecer e defender a ADA, bem como os que reverterem à reserva. A nova reserva é, normalmente, organizada pelos remanescentes da área penetrada e por elementos da força de C Atq que não forem utilizados nas posições de primeiro escalão. A reserva temporária, após liberada, retoma as atividades normais.

b) Se o C Atq fracassar e o inimigo não for expulso da penetração, a força executante aferra-se ao terreno. O Esc Sp deve ser imediatamente informado da situação criada em consequência do insucesso do C Atq.

4.3.5.2 Dispositivo de Expectativa

4.3.5.2.1 O Dispositivo de expectativa normalmente é ocupado quando se opera em frentes amplas e não for possível definir por qual direção o inimigo carreará a maioria de seus meios.

4.3.5.2.2 O Esqd, enquanto ocupa o PAC, têm papel relevante no alerta antecipado quanto aos eixos de aproximação selecionados pelo inimigo e orientados para o dispositivo defensivo..

4.3.5.2.3 O dispositivo de expectativa, em sua situação final, evolui para uma defesa de área ou uma defesa móvel.

4.3.5.3 Defesa Elástica

4.3.5.3.1 A defesa elástica é a técnica de defesa mais ofensiva. Nela, permite-se uma penetração do inimigo em região selecionada para canalizá-lo para AE, no interior da ADA, onde será emboscado e destruído pelo fogo de armas AC de médio e longo alcance. Contra-ataques são executados com a finalidade de impedir que a força inimiga rompa o dispositivo defensivo nos limites da AE ou desborde a P Def.

4.3.5.3.2 A defesa elástica tira o máximo proveito da surpresa e de características específicas do terreno. Para ser empregada, o terreno deve ser suficientemente movimentado, deve permitir a defesa em profundidade (ainda que dificulte repelir o ataque no LAADA) e deve ser favorável ao estabelecimento de áreas de engajamento (AE), sem a necessidade, contudo, de ser tão amplo como no caso da defesa móvel. As dimensões

das áreas de engajamento devem ser compatíveis com a força inimiga a ser destruída e a eficácia das armas dos núcleos de defesa.

4.3.5.3.2 Na defesa elástica, busca-se separar a infantaria dos blindados (através de obstáculos antipessoais, por exemplo) e, então, por meio de uma sequência de defesas, deslocamentos e novas defesas, canalizá-los para uma AE no interior da ADA, onde serão destruídos pelo fogo de armas AC de médio e longo alcance em toda a profundidade de seu dispositivo.

4.3.5.3.3 O Esqd C Pqdt na Defesa Elástica

a) A defesa elástica é conduzida, normalmente, na seguinte sequência:

- acolhimento dos elementos da F Seg e canalização do inimigo para as AE;
- destruição da força inimiga nas AE; e
- contenção da força inimiga nas AE, através de contra-ataques que impeçam que rompa o dispositivo defensivo nos limites das AE ou desborde a P Def.

b) A posição defensiva deverá ser estabelecida de forma que o inimigo seja canalizado para o interior das AE. Essa canalização deverá ser obtida pelo emprego de campos de minas, pelo posicionamento dos núcleos de defesa ou apoiando-se os limites da P Def em cursos d'água obstáculo.

c) O posicionamento dos núcleos defensivos deverá permitir o bloqueio das AE e a penetração de força inimiga compatível com o poder de combate do esquadrão. As próprias AE, por sua vez, devem ter dimensões compatíveis com a força inimiga a ser destruída e a eficácia das armas dos núcleos de defesa.

d) A destruição do inimigo será realizada pelos fogos dos próprios núcleos de defesa, pelos fogos indiretos da artilharia e dos morteiros e pelos fogos aéreos, se disponíveis. Na fase da destruição, deverá ser buscada a maior profundidade possível no dispositivo inimigo.

e) Os C Atq deverão ser realizados por força de grande mobilidade e poder de fogo, normalmente o Esqd C Pqdt, mantido em reserva como força de C Atq. Essa força será empregada nos pontos em que o inimigo tentar romper o dispositivo defensivo, nos limites das AE, obrigando-o a permanecer em seu interior ou quando este tentar desbordar a P Def.

f) O Esqd C Pqdt, como elementos de reconhecimento da Bda é empregado, inicialmente, para vigiar à frente da Z Aç da Bda, ocupando PAG ou PAC, informando sobre a aproximação do inimigo, iludindo-o quanto à localização da P Def e ajustando os fogos de apoio. Após acolhido, passa a integrar a reserva ou ocupa posições defensivas de onde possa contribuir para a contenção do inimigo nas AE, para a sua destruição ou para continuar a informar sobre o deslocamento de reservas, ajustar fogos de apoio *etc.*

g) As armas anticarro são, inicialmente, instaladas em posições avançadas, próximas ao LAADA, engajando o inimigo desde seu alcance máximo e procurando retardá-lo, desorganizá-lo e forçar o desembarque dos fuzileiros blindados inimigos. O uso de obstáculos reforça a posição defensiva, canaliza o inimigo para as AE e assegura a máxima eficiência dos fogos anticarro. Mediante ordem, as armas anticarro deslocam-se para posições de onde participarão da destruição do inimigo no interior das AE.

ANEXO F: MEMENTO DECISÃO DO ESQD C PQDT NA AÇÃO RETARDADORA**“DECISÃO DO 1º Esqd C Pqdt**

1. A fim de Coop com a Bda Inf Pqdt em sua missão de Conq e consolidar a C Pnt Ae, o 1º Esqd C Pqdt retardará em Pos Suc, a partir de D/1200P, o Ini que incidir em sua Z Aç. Para isso, deverá:

a) ocupar a PIR, no corte do arroio CAXAMBU (7460) e do afluente N do rio PINHEIRINHO (6844), empregando o 1º Pel C Pqdt (-) a N, 2º Pel C Pqdt ao C e o 3º Pel C Pqdt a S;

b) estabelecerá P Obs e Pa com Elm em 1º Esc;

c) levantará dados sobre o dispositivo, o valor, a composição e a direção da maioria dos meios Ini;

d) retardará o Ini entre a PIR e a L C Pnt Ae, ao longo de sua Z Aç, com o mesmo Dspo da PIR, a fim de impedi-lo de abordar o L C Pnt Ae antes de D+2/1200P, devendo ganhar uma jornada na PIR e uma jornada na P2;

e) retrainá das P Rtrd Mdt O;

f) retrainá através da L C Pnt Ae, na Z Aç do 27º B I Pqdt;

g) após o acolhimento na L C Pnt Ae, passará o Cmdo operacional do 3º Pel C Pqdt para o 27º B I Pqdt;

h)reverterá os Elm em Ref aos seus Cmdo de origem, após ser Aclh L C Pnt Ae;

i) retirar-se-á até a Rg ROSÁRIO (1036) e passará à Res Bda Inf Pqdt;

2. Prioridade inicial de fogos:

- para o 2º Pel C Pqdt.

ANEXO G: MEMENTO DECISÃO DO ESQD C PQDT NA DEFESA DE ÁREA**“DECISÃO DO 1º Esqd C Pqdt**

1. A fim de Coop com a Bda Inf Pqdt em sua missão de defender a C Pnt Ae, o 1º Esqd C Pqdt defenderá no corte do Rio CAXAMBU, a partir de D/0600, a Z Aç compreendida entre o Rio IJUÍ (3664) e o afluente sem nome sul do Rio CAXAMBU (4060). Para isso, deverá:

a) empregará na , 2º Pel C Pqdt a N e o 3º Pel C Pqdt a S;

b) estabelecerá PAC com os Pel em 1º Esc, na linha de alturas P Cot 409 (4066), P Cot 426

(4066), balizada pela L Ct FERRO;

c) acolherá Elm do 1º Pel C Pqdt(-) (F Cob) que retrairem em sua Z Aç;

2. Prioridade inicial de fogos:

- para o 2º Pel C Pqdt e 3º Pel C Pqdt, nesta ordem de prioridade.